



1.º ATO

Um telão de fundo com aparelhos incríveis de um laboratório atômico e seus objetos típicos. Um biombo de pano. Um banquinho. Tudo colorido e moderno.

Ao início da peça o Cientista, cantarolando e dançando em torno da Bombinha, dá os últimos retoques.

CIENTISTA — Tra-lá-lá-lá-lá. Tra-lá-lá-lá-lá-rá-lá.

Eu sou o dono do mundo! Comigo ninguém pode! Ah! Você está pronta! Prontinha. A minha obra-prima! Linda! Linda! Linda! De morrer, é claro! O país que me comprar você, pode destruir tudo. Tudiiiiinho! Não ficará nada de pé! Mas eu quero muito dinheiro. Só vendo você por muito dinheiro.

BOMBINHA — Eu não quero ser vendida. Eu não quero ir prá país nenhum.

CIENTISTA — Tolices. Bobinha. Além do que eu preciso comprar um apartamento novo. Um fusca último tipo e ir a Paris. Estou cansado de pagar prestações da última viagem que eu fiz à Bahia. Todo mês eu tenho que ir ao banco. Imaginem um cientista como eu, sentado num banco da praia. Sem dinheiro! Que horror! *(Ele é completamente destrambelhado. Toca o telefone)* O telefone? Quem será? *(Ele puxa um fio imaginário como se fosse um pescador puxando uma rede de peixe. O telefone é vermelho. Atendendo)* Alô? Onde fala? Que absurdo! Ligou e não sabe com quem está falando? Idiota! *(Corrige amável)* Não é com o senhor, não! É aqui com o meu cachorro! Sai Juca! Sai. *(Fala com um cachorro inexistente)* Quem fala aqui é o Dr. Roscoff — o maior inventor do século. Que é que o senhor quer? Ah! Marcar consulta? Não sou dentista.

No mundo dos homens desesperados só resta a flor do medo. Brotou a intranquilidade com a ameaça mil vezes desfeita e sempre renovada, neste sonho impossível de PAZ.

(*Protesta*) Sou cientista! Bem, vou consultar meus alfarrábios! Boniiiiito! Al-far-rá-bios! Gostei. (*Vai à mesa e folheia um livro imenso*) Hoje!!! Amanhã!!! Depois!!! Qualquer dia!!! Bem! Amanhã mesmo! Às 14 horas e 30 minutos. Cinco segundos. Tá bom! (*Volta ao telefone*) Senhor Presidente, amanhã às 14 horas, 30 minutos. Cinco segundos. Olha! Traga o talão de cheques ou um caminhão de dinheiro. O que foi que eu disse? Nada! Nada! Tchau! (*O Cientista desliga o telefone — faz um gesto — o telefone se afasta — ele é sobre rodinhas, é claro — e volta à Bombinha*). Quando você explodir irá tudo pelos ares. Não sobra nada pra contar a história. E não fica com essa cara não! (*A Bombinha está apavorada*).

BOMBINHA — Mas eu não quero explodir, seu Cientista! (*Batendo o pé*) Eu não gosto. O senhor tem cada idéia maluca!

CIENTISTA — Cala boca! Aonde já se viu bomba atômica falar! E ainda por cima, não quer explodir! Esse mundo de hoje está virado. Tudo ao contrário!

BOMBINHA — Falo! Falo e falo! É um direito que eu tenho. Se eu tenho boca é pra falar! Eu não quero explodir. Nem destruir nada!

(*O telefone toca de novo*).

CIENTISTA — Vê filhinha! O telefone não pára. Depois que eu botei anúncio no JB é só gente querendo comprar você. De todas as partes do mundo! (*Faz o gesto de pescador e lá vem o telefone de novo — se possível agora ele é azul*) Heiiiiiiiii! (*Muito sestroso*) Aqui fala o maior descobridor do Brasil. Não! Não é o Pedro Alvares Cabral. Seu burro! Eu sou inventor. Já estou ficando de mau humor. Ah! desculpe, Sr. Presidente. (*Cheio de salamaleques*) Sim, senhor Presidente. (*Servil*) De acordo, Sr. Presidente. (*Exagerado*) O Sr. manda! Que horas? Deixe ver! Vou consultar meus arquivos! (*Vai ao livro — folheia*) 14 horas, 30 minutos. Cinco segundos. Tá bom! (*Volta ao telefone*)



Helôôôô, Sua Majestade, isto é, Sr. Presidente. Amanhã às 14 horas. Trinta minutos. Cinco segundos. O que é preciso? Caneta. Pra que? Assinar cheques, ora! Passe bem! (*Bate o telefone. Esfrega as mãos satisfeito*) Estou rico. Rico, Rico. Vendo essa bomba pra os dois presidentes. Assim os dois países ficarão com medo, um do outro. Por que? Porque o negócio é quem explode primeiro... Puff!... (*Gesto de ir pelos ares*) Coitadinho do resto. Não sobra nada. Nadinha. Vou ficar rico com esses patetas. E agora filhinha, você vai ser empacotada, bem bonitinha e... mas silêncio. Estou falando demais! Quem sabe não existem espíões por aí?

BOMBINHA — Como eu sou infeliz. (*A Bomba está muito desanimada e chora tristemente*).

(*A campanha da porta da rua toca*).

CIENTISTA — Ué! Será que o presidente já chegou? Mas eu marquei amanhã! Também não tem importância. Faz de conta que hoje é amanhã. (*Pega um pano colorido e cobre a Bombinha*) Fique quieta. Nada de choros. (*E vai até a porta da rua, que não existe*) Quem é?

PRESIDENTE — Eu sou Tiosamka, presidente nomeado do país "Tudo cor de rosa"! (*Ele tem sotaque americano*) Eu quer ver bomba atômica!

CIENTISTA — Entre! (*Os dois aparecendo*) Muito bem, e quais são suas intenções? Boas?

TIOSAMKA — Good! Isto é... boas. Mas eu quer saber pra que serve bomba!

CIENTISTA — Ah! Senhor Presidente!... Como é mesmo o seu nome?

PRESIDENTE — Tiosamka.

CIENTISTA — Pois é! Tiosamka. A Bombinha tem várias utilidades. (*Contando nos dedos*) 1.º — Meter medo nos outros países trouxas.

PRESIDENTE — Good! Ótimo!

CIENTISTA — 2.º — Destruir os jardins e como consequência matar todas as formigas e flores. Mania que essa gente tem de flores!

PRESIDENTE — Mais ótimo. Nada de flores.

CIENTISTA — 3.º — Derrubar tudo quanto é casa. Pra que casa? Não é? Que morem em buracos como os ratos.

PRESIDENTE — Yes, mais ótimo ainda! (*Está no auge do entusiasmo*).

CIENTISTA — Mas vamos ao que interessa. (*Esfregando os dedos em sinal de dinheiro*) O senhor quer ou não quer comprar esse cogumelo?

PRESIDENTE — Yes. Mim trouxe cheque. (*Batendo no bolso*).

(*Toque de campanha*).

CIENTISTA — Quem será? Que horas são?

UMA VOZ — 14 horas. Trinta minutos. Cinco segundos. Lembra-se?

PRESIDENTE — De novo? Isso foi quando eu cheguei.

CIENTISTA (*Misterioso*) — Aqui o tempo não passa... ou melhor... passa tão rápido que é sempre a mesma hora. Com licença. (*Faz reverência grotesca*) Com licença. (*Nova reverência recuando de costas sempre e fazendo reverências e... com licença... até que*

esbarra na mesa. Cai uma porção de coisas. Ele tenta segurar. Enquanto isso o Presidente se curva automático e mecânico, de tal modo que precisa com as mãos segurar a cabeça — fazendo-a parar. O Cientista sai finalmente. Puxa! Custou! Fora de cena) — Quem é o senhor?

Voz — Opo sepenhorpo epé mapalupucopo? (*O senhor é maluco? Língua do P*) Opo sepenhorpo marpacoupou hoporapa copomipigopo! (*O senhor marcou hora comigo*) Epeu soupou Prepesipidempentepe dopo URSSO (*Eu sou Presidente do URSSO. Na verdade ele parece um urso. Barba e bigodes imensos e vermelhos. Usa gorro de pelo. Casaco peludo verde. Grande, gordo. Também é ridículo. Tem uma voz de trovão. Às vezes podia falar fino, desafinado*).

CIENTISTA — Chiiii! Foi, é? Que coisa. (*Falso espanto*) Um momento! Agüenta aí! (*Volta para o laboratório*).

TIOSAMKA — E agora? Ele não deve me ver! Que é que eu faz? Ouuuuu! Estou confuso! (*Perde a classe britânica e procura um lugar para se esconder*).

CIENTISTA (*Entrando novamente*) — Majestade. Ah! Prefeito! Ah! Síndico de edifício. Ah! Sei lá!

TIOSAMKA (*Aflito*) — Quando eu sair daqui vai mandar você para a cadeira elétrica.

CIENTISTA — Imagina!!! Que audácia! Eu virar torresmo! Bem, depois a gente discute esses detalhes. Entra aqui! (*Empurra o Presidente para dentro de um biombo de cortina aberta no meio, permitindo a passagem. Leve porque ele anda de um lado pro outro, etc*) Fique quieto aí. (*Cientista vai correndo à porta da rua inexistente*) Quinhentas mil desculpas, senhor URSSO. É que estava tudo desarrumado. Sabe. As empregadas de hoje! Estão tão difíceis. A gente não pode confiar!



(Eles entram. O Presidente, gordo, seguido do Ajudante-Tradutor e do Cientista. Os dois estão de braços dados e conversam amigavelmente. O Tradutor atrás. É extremamente antipático e bajulador).

PRES. URSSO — Pois epé. (Entra no tom doméstico) Apa mipinhapa mupulherpe espetapa sempeni repeclapamanpandopo quepe apa empempregapada, lepevapa aparroz epe feipejãopão pra capasapa. Epe por issopo quepe nãopãochepegapa!

CIENTISTA — Pois é! Com essa vida cara, o dinheiro não dá pra nada. (Parecem duas donas de casa discutindo na porta das Casas da Banha).

PRES. URSSO — Senpenhorpor! Quepe conponfipianpançapa sãoção espessapas? Eupeu queperopo verpe apa bompombapa. Ompondepe espetapa apa bompamabapa? (Falando grosso).

CIENTISTA — Que diabo de língua fala esse homem? Não estou entendendo bolhufas. (Volta-se autoritário) O senhor quer falar língua de gente?

AJUDANTE — Epelepe dipisse quepe nãopãp enpenpendeupeu bupulhupufaspas.

PRES. URSSO — Porpoquepe epele epé muipuitopo lupurtopo.

AJUDANTE — O Presidente disse que o senhor é um gênio. O cara mais inteligente da terra. Nunca viu igual.

CIENTISTA (Cheio de si) — Que exagero! Também assim é muito. (Mudando de tom) Mas vamos ao que interessa. Quais são as intenções dele?

AJUDANTE (Para o Presidente) — Qualpaí sãoção apas supuaspas impintempençõespões?



PRES. URSSO — Bopoaspas. Prapaquepe serpevepe apa bompombapa?

AJUDANTE — Pra que serve a bomba?

CIENTISTA — Que gente mais sem imaginação! Sempre a mesma pergunta. (Contando nos dedos, meio impaciente) 1.º — Meter medo no Tiosamka. (O Presidente Tiosamka mete a cara fora da cortina. Se esconde).

PRES. URSSO — Bompom. (Satisfeito).

CIENTISTA — Destruir navios e foguetes do Tiosamka.

PRES. URSSO — Opotpimopo.

(Tiosamka movimenta o biombo para ouvir melhor e também ficar visível).

CIENTISTA — Acabar com esse negócio de lua, paly-ground pra crianças. Escolas, Futebol. Cidades, Países. Todas essas besteiras. Mas falemos de negócios. Quer ou não quer comprar a bomba?

PRES. URSSO — Boboffe! Vempem capá! (O Presidente arrasta o Ajudante para o lado e conferenciam. Enquanto isso Presidente Tiosamka...).

TIOSAMKA — Psiu! Psiu! Cientista! (O Cientista manda fazer silêncio e vai até o biombo que por sua vez também se aproximou dele. O Presidente puxa o Cientista pra dentro da cortina grotescamente). You! Não poder negociar com inimiga meu! Eu quer a bomba. (Está agarrando-o pela gola, quase no ar. O Presidente Urssó e o Ajudante procuram o Cientista).

AJUDANTE — Uai! Cadê ele? (Procuram pelo laboratório) Cientista! Cienpentsipistapa!

CIENTISTA — Me larga! Me larga! Senão eu grito. *(Se solta e sai pelo outro lado se arrumando)* Aqui! Aqui! Pois não! *(Reverência)*.

AJUDANTE — Meu Presidente disse que se você garante que a bomba arrasa tudo — não sobra nada-nada-nada, ele compra a bomba. Sobretudo você tem que garantir que a bomba é contra Tiosamka.

(Tiosamka reage a tudo do outro lado, chega até a andar com o biombo, o que obriga ao Cientista mil salamaleques e desconfiança dos dois).

CIENTISTA — Claaaaro! Não fica nem cheiro dele, nem do país dele. Desaparece da face da terra. Essa bomba é furiosa. Ela está louca pra explodir.

(A Bombinha escondida debaixo do pano soluça).

PRESIDENTE E AJUDANTE *(Ao mesmo tempo)* — Que choro é esse?

(Cientista começa a chorar e vai até a Bombinha e dá-lhe um beliscão).

BOMBINHA — Ai. Ai. Ai.

CIENTISTA — Ai. Ai. Ai. *(Pega no pé e finge que dói)*.

(Presidente Urso e Ajudante ficam espantados. Tiosamka mete a cara de fora. Ninguém entende nada. A Bombinha fica quieta finalmente. O Cientista também e volta para o lugar anterior. Simultaneamente o Tiosamka esconde a cabeça a fim de não ser visto).

AJUDANTE — Que barulho é esse?

CIENTISTA — Barulho? Não! Não ouvi nada não! Engano seu! Até que não há barulho. Existe aqui a lei do silêncio. *(Ele fala tudo baixinho)*.

(Presidente Urso puxa Ajudante de novo e vão pro canto e confabulam. Tiosamka se aproxima mais do Cientista que desaparece atrás da cortina).

TIOSAMKA — Mister Cientista não pode vender bomba meu inimigo. Senhor lembrar ser país vizinho. Eu manda soldados toma conta e tira seu bomba. Só mim ter bombas.

CIENTISTA — Claro! Claro! Chega de lero-lero. Quanto é que o senhor paga pela bomba?

TIOSAMKA — Eu dá um milhão de dinherro!

CIENTISTA — Só? Eu, hein! Isso a gente tira na loteria esportiva. Dá licença. *(Sai e se dirige ao Presidente Urso)* Vocês já resolveram? Quanto é que vocês dão pela bomba?

AJUDANTE — Meu Presidente anda com as finanças ruins. Sabe, as vendas caíram muito esse mês, mas em todo caso ele oferece dois milhões de dinheiro. *(Tiosamka limpa a garganta — Ajudante e Urso olham em volta. Cientista começa a tossir)*. Quem está aqui? Quem vem espastapá apaquipi? *(E desatam a procurar. Enquanto isso Tiosamka puxa o Cientista pelo braço e ele voa através da cortina e some do outro lado)*.

BOMBINHA — Ah! Meu Deus. Como eu sou infeliz! *(Cientista mete a cara na cortina e arremeda)* Ah! Meu Deus. Como sou infeliz! *(Presidente Urso e Ajudante se voltam. Um olha para o outro e fazem sinal que o Cientista é louco. E voltam a conferenciar. Cientista desaparece atrás da cortina)*.

TIOSAMKA — Eu dá três milhões de dinherro. *(E tira o talão de cheque e quer assinar)*.

CIENTISTA — É? Um momento. Volto já. *(Sai e vai até os dois)* Olha, três milhões é pouco. O Tiosamka a



última vez que esteve aqui (*Fala mais alto e intencional*) me ofereceu Cinco Bilhões de dinheiro. Cin-co Bi-lhões. (*Tiosamka arregala os olhos. Tem um "troço" atrás do biombo. O Urssso pensa. E o Cientista no meio*) Quem dá mais? Quem dá mais? (*É o próprio leiloeiro*).

PRES. URSSO (*Engasgado*) — Eupeu dopou dezpez bipilhompões.

AJUDANTE (*Nervoso*) — Ele dá 15 bilhões. (*O Urssso cai sentado com falta de ar. O Ajudante corre a socorrê-lo, abanando-o*).

CIENTISTA — Quero mais! Quero mais! Quero mais! (*E dança uma dança frenética*).

TIOSAMKA — Epeu dopou... Ouuuu... (*Corrige com raiva. Sai da cortina e vai até o Cientista nervosissimo*) Eu dá vinte bilhões de dinherro. Cheque aqui. E tem fundos!

CIENTISTA — No duro? (*E vai ao mesmo tempo empurrando-o rapidissimamente para dentro da cortina*) Assine o cheque e passe o cobre. (*O Cientista sai e vai até o Presidente Urssso*) Olha! Diz pra esse cara aí que eu quero vinte, vin-te bilhões. Nem um tostão menos. Pode ou não pode?

AJUDANTE — Epelepe querve vinpetepe bipillhom-pões!

PRES. URSSO — Ôôôô. Estoupou fapalipidopo. (*Tira o talão de cheque e começa assinar. O cientista vibra. O Urssso entrega o cheque. O Cientista lê e guarda-o no bolso*).

AJUDANTE — Agora, a bomba.

PRES. URSSO — Epe seupeu sepegrepedopo!

AJUDANTE — E seu segredo!

CIENTISTA — É mole! Um momento. (*Sai e volta trazendo uma bomba igual a que está em cena — só*



que agora é de papelão — estão deslumbrados. Andam em volta) É só apertar o botão... e... tudo pelos ares. Não fica nada. Pode levar. É sua. Passe bem. (*Começa a empurrar o Presidente Urssso, Ajudante, que carregam a bomba. Pega um papel, assina e entrega*) Aqui está o recibo. Aqui. Certificado de garantia. Tchau! Sumam-se.

(*Tiosamka está louco de raiva. Não agüenta mais. Sai de trás da cortina. Rói as unhas. Sapateia. Chora desesperado com o fato. E vai girando o biombo para não ser visto*).

PRES. URSSO — Bompom dipiapa. (*E saem*).

(*Finalmente. Já não era sem tempo. Tiosamka sai de dentro do biombo mais violento do que a própria bomba, avança furioso para o Cientista*).

TIOSAMKA — Traidor! Patifa! Eu quebra sua cara. (*E aqui tem que haver uma "perseguiçãozinha". As crianças adoram. O bem persegue o mal. Só que nesta situação todo mundo é mau caráter. Cientista cai. Tiosamka senta em cima dele*) Eu vai esganar vocês! Você não presta. Vende bomba pra meu inimiga. Meu dinheiro melhor do que d'ele.

CIENTISTA — Calma! Calma! Dá licença. Sai. O senhor não deixa a gente falar. Que coisa! Saiiiii! (*Empurra Tiosamka que cai do outro lado, mas ambos se levantam*) Pois é! O senhor quase estraga tudo com sua ignorância.

TIOSAMKA — Ignorância é sua avó. Eu chega primeiro. E agora? (*Senta-se num banco e chora feito um bezerro desmamado*) Eu não tem bomba! Eu prometi ter bomba. Eu quer fazer guerra e não tem bomba. Ah! Ah!Ah! (*Chora cada vez mais e não pode ser mais ridículo*).

CIENTISTA — Deixa de besteira. O senhor não deixa eu falar. Tamanho homem chorando... Olha (*Miste-*

riosamente) eu tenho um segredo. Sabe o que é? Olha! Aquela bomba era falsa. De papelão. O botão não explode nada. (*Tiosamka começa a ficar alegre*) Ela é de mentirinha. Eu enganei eles. A verdadeira está lá dentro do outro laboratório, escondida pra você. Foi esse o golpe. Senão eles não iam embora. Compreendeu? Morou?

TIOSAMKA — Morrei. (*Ri feliz*).

CIENTISTA (*Suspira aliviado*) — Ainda bem. Eu vou buscar a bomba. Vai enchendo o cheque aí. (*Debaixo do pano a Bombinha treme apavorada. O Cientista volta com outra bomba igualzinha a outra. Só que de cor azul*) Olha, aqui está o botão. É só ligar na eletricidade e apertar o botão... e “puuum”. Tudo pelos ares. Não sobra nada!

TIOSAMKA — Aqui está cheque. Banca está a seu lado. Good-bye. (*Cientista pega cheque e procura dos lados o banco que não está, é claro. Mas guarda o cheque no bolso. E começa a empurrar Tiosamka, que está feliz com a bomba, em direção à rua*).

CIENTISTA — Tchau. Tehauzinho. Boa sorte. (*Finalmente Tiosamka parte também. E o Cientista volta rindo às gargalhadas. Tira os cheques do bolso e conta*) Quarenta bilhões de dinheiro... e as bombas são de papelão. Não explodem nada, porque a verdadeira ficou aqui. (*Descobre a Bombinha horrorizada*) Ah, ah, ah! Minha querida. Imagina se eu vou vender você só por 40 bilhões de dinheiro. Você é a coisa mais forte do mundo e eu com você, sou dono dele, ouviu! Dono do mundo. (*Ele é louco realmente, embora cômico*) Ninguém pode comigo. Eu sou o dono do mundo! (*Nisso toca o telefone*) Que é isso? Será que eles já descobriram? Não dava tempo! (*Novo gesto de pescar telefone. Entra telefone. Atendendo*) Hellóóóóóó! Três. Quatro. Quatro. Cinco. Cinco. Quatro. Zero. Quatro. Quatro (*Bem. Uma porção de quatro. Pausa.*) O grande descobridor! Não. Não sou Cristovão Colombo. Eu não



descobri América nenhuma! Ahunn! Quem? Presidente da Conchichina? O senhor quer uma consulta (*Corrige*) isto é, uma audiência? O senhor quer comprar a minha bomba? (*Ele olha para a Bombinha. Coitadinha, agora chegou a vez*) Se ela explode? Claro. Foi feita pra isso! (*A Bombinha chora e morre de medo. treme mais do que gelatina Royal em anúncio da televisão*) Preço? A última oferta que eu tive...

BOMBINHA — Que horror! Desta vez eu não escapo. Vou ser vendida. Que é que eu faço? Estou perdida. Eu não quero explodir. É horrível. Eu não quero explodir coisa nenhuma. Preciso fazer alguma coisa. (*Aflita*) Mas o que? Preciso fugir. Preciso fugir. (*Ela busca uma saída*).

CIENTISTA — Senhor Presidente Ping-Pong. Que tal quarenta bilhões de dinheiro? Olha que é um precinho camarada... A que horas? 14 horas. Trinta minutos. Cinco segundos. Estou esperando. É barato, não é? O senhor está de acordo? É sua! Pode vir buscar! (*Desliga. Manda o telefone embora. Esfrega as mãos. Feliz*). Três idiotas. Todos três terão a bomba. Mas o dinheiro e o segredo são meus! (*Durante o telefonema a Bombinha pegou um papel e escreveu um bilhete, deixou no local em que ela estava e partiu. O Cientista vai até o lugar da Bombinha*) Uai! Cadê a Bombinha? Um bilhete! Deixe-me ver. Sr. Cientista: Eu não quero destruir nada. Não quero ser vendida. Eu decidi fugir. Hei de encontrar um lugar tranqüilo. E que respeitem minha vontade. Eu amo a paz. As flores. Os animalzinhos, e não vou explodir nada. Adeus! Cruzes! Que é que eu faço? Se alguém apertar o botão dela por brincadeira, o mundo vai pelos ares. Ai! Que horror! (*E cai duro*).

Black-out.

FIM DO 1.º ATO



2.º ATO

Cenário: Uma tela onde serão projetados diversos slides necessários à ação e mais alguns elementos cênicos e ainda efeitos luminosos.

Ao abrir o pano vê-se uma grande tela onde serão projetados diversos lugares por onde passará a Bomba Atômica, complementados por efeitos cênicos e efeitos luminosos.

1.º Slide: uma cidade moderna. Um operário está trabalhando. Entra a Bomba, curiosa. Dirige-se ao Homem

BOMBINHA — Que lugar é este?

HOMEM — A cidade dos homens.

BOMBINHA — Que bonita! E aqui há paz?

HOMEM — As vezes. Quem é você (*O Homem olha desconfiado*).

BOMBINHA — Eu... eu... (*Gagueja*) Eu sou a Bomba Atômica.

HOMEM (*Horrorizado*) — Saia! Saia daqui já! Nós temos horror a você. Você é muito perigosa. É por sua causa que aqui ninguém dorme. Ninguém sabe o que vai acontecer.

BOMBINHA — Ah! Mas eu quero ficar com vocês. Prometo que não vou explodir. Olha, eu posso fazer

muita coisa. O Cientista que me inventou disse que graças a mim, ele descobriu uma porção de outras coisas. Eu conheço essas coisas! Eu posso ensiná-las...

HOMEM — Não interessa. Saia! Senão eu chamo a polícia.

BOMBINHA (*Quase chorando*) — E pra onde é que eu vou?

HOMEM (*Se afastando*) — Não sei. Um lugar bem longe. Lá na floresta. Numa ilha. Mas saia. (*Ele foge*).

BOMBINHA (*Triste, pega a trouxinha e vai sair. Para, olhando a cidade*) — Puxa! Que bonito. Nem me deixaram conhecer a cidade. Que pena!... (*Ouve-se a voz do Cientista ao longe*).

CIENTISTA — Por aqui! Acho que ela veio por aqui!

BOMBINHA (*Aflita*) — É ele! Tenho que fugir! (*Sai*).

CIENTISTA (*Entrando com uma lente imensa, fazendo investigações e fareja feito cachorro caçador*) — Ela veio por aqui. Ah! Se eu pego essa cretina! Nem sei o que faço. Aqui! Olha as marcas. (*Entra o Homem correndo de onde foi a bomba. Ouve-se vozes: Foge! Foge! Vai explodir a bomba! Perigo!*)

HOMEM — Foge velhote! A Bomba Atômica anda solta por aí. É o fim do mundo.

CIENTISTA — É? Aonde? Eu vou lá! (*Vai na direção apontada pelo Homem*).

(*Nesse instante entra o Pres. Ursso e o Ajudante Boboffe e esbarram com o Homem, caem os três no chão, sentados. Um para cada lado*).

AJUDANTE — Seu estúpido. Não enxerga? (*O Homem querendo fugir e os dois segurando-o pela perna*).



PRES. URSSO — Quepe copoipisapa!

AJUDANTE — Não foge não! Eu quero uma informação.

HOMEM — Eu tenho que ir embora!

AJUDANTE — O senhor viu por aí uma Bomba Atômica?

HOMEM — Por ali! Me largue. Me largue. (*O Homem levanta e foge — os dois se levantam cômicos e seguem a direção apontada. Quando o Homem vai quase saindo, entra voando o Tiosamka. Novo esbarro. Nova queda*).

TIOSAMKA — Senhorr! Senhorr é maluca! Não vê rua? (*Está segurando o Homem*).

HOMEM — Não tenho tempo para conversa fiada. Preciso fugir. Solte-me!

TIOSAMKA — Senhorr viu Bomba Atômica? Depois Cientista. Depois Ursso e depois Ajudante Boboffe.

HOMEM — Vi. Ali. Todos ali. Agora solte-me. (*O Homem se larga e foge. Tiosamka segue a direção oposta*).

(*E na tela um slide de estrada bem moderna. Des-sas rodovias de alta velocidade. Na beira está um boi pastando tranqüilamente. Entra o Homem correndo. O boi levanta a cabeça. Entra a Bomba Atômica. Aflita*).

BOMBINHA — Onde será a floresta? Não vejo. (*Foge. Depois vem o Cientista sempre farejando feito cachorro e olhando as marcas no chão com a lupa imensa. Segue. O Boi fica mais espantado. Depois vem Tiosamka. O Boi de novo. Depois vem o Presidente Ursso seguido do Ajudante — param. Olham. Só o Boi acompanhou a transa — espantadissimo*).

AJUDANTE — Ninguém. Só esse boi. Eu não sei lingua de boi. não adianta perguntar. Onde terá ido essa Bomba Atômica? Vamos por ali. (*Segue*).

N. entra

N. outra
 Bot — Mmmmmmm!!! Bomba Atômica? (*Sai correndo atrás do grupo*).

(*É quando surge um slide de mapa de um país e na frente desfilam naquela corrida... O Homem, a Bomba Atômica, o Cientista, o Pres. Tiosamka, o Pres. Urssso e seu Ajudante e o Boi. Depois novo slide. Agora um navio moderno singrando um mar azul. Outro mapa. A América do Norte. Outro slide. Uma plantação bonita de algodão no Mississipe. Música de banjo. Um homem preto está trabalhando na lavoura e cantarolando Old Man River. Entra a Bombinha*).

BOMBINHA — Moço, que lugar é esse?

HOMEM PRETO — Uma plantação de algodão no país. Tudo cor de rosa.

BOMBINHA — Cujo Presidente é o Tiosamka?

HOMEM PRETO — É! Como é que você sabe?

BOMBINHA — Ele queria me comprar do Cientista maluco. Aliás, sabe? Ele roubou o meu segredo de um outro cientista bacana. Um homem muito sério e inteligente.

HOMEM PRETO — E quem é você? Acho que já vi seu retrato.

BOMBINHA — É possível. Os jornais todos publicam meu retrato. Eu sou a Bomba Atômica.

HOMEM PRETO — Nãoooo! Chega de conversa. Saia! Saia já daqui. Eu tenho horror a você! (*A Bombinha começa a chorar*).

BOMBINHA — Deixa eu ficar aqui. Eu ajudo você a trabalhar. Ensino uma porção de segredos das novas plantações.

HOMEM PRETO — Chega. Você vai ou não vai?

BOMBINHA — Não. Não e não. Que raiva! (*Se senta no chão e chora copiosamente. O Homem Preto larga a enxada e foge. Voz do Cientista:*)

CIENTISTA — Hei de achá-la!

(*Vozes dos demais perseguidores. Tudo rápido. A Bombinha se levanta e foge. Entra Cientista. Segue Tiosamka, Pres. Urssso, Ajudante, o Boi. E desaparecem. Surge novo slide. Agora paisagem de neve. Tudo branco. Cai neve. Uma camponesa russa está apanhando lenha. Entra Homem correndo. Passa Bombinha. Passa Cientista. Passa Tiosamka. Passa Pres. Urssso e Ajudante. Passa o Boi. Passa o Homem Preto. A Camponesa não agüenta mais de espanto*).

CAMPONESA — Hei! Moço, por que tanta correria?

HOMEM PRETO — Olha. Fuja. É a Bomba Atômica! Imensa! Enorme! Grande! Vem aí! Furiosa. Só quer explodir de qualquer jeito.

CAMPONESA — E o que é que acontece?

HOMEM PRETO — No mínimo derrete toda a neve... Fuja, se você tem amor à pele! (*A Camponesa joga a lenha fora e sai correndo atrás. Some o slide. Novo slide de mapa. Agora a Ásia. E aquele desfile acrescido agora da Camponesa. Some tudo. Novo slide. Uma plantação de arroz na China. Música chinesa. Um chinês trabalhando. Entra o Homem, sempre fugindo. Vem a Bombinha. Vem o Cientista. Vem Tiosamka. Vem Pres. Urssso e o Ajudante. Vem o Boi. Vem o Homem Preto. Vem a Camponesa*).

CHINÊS — Hei! O que houve? Festa no palácio do Dragão Celeste?



CAMPONESA — Não! É a Bomba Atômica que está solta. Já explodiu por aí. Quer explodir de novo. Fuja. *(Ela segue o caminho. Volta a Bombinha aflita).*

BOMBINHA — Moço! Moço! Me esconda por favor. Eu estou exausta! *(Desconfio que os atores também — mas caroços do ofício — eles ainda têm que correr muito)* Eles querem me vender, isto é, eles querem me comprar. Cada um quer ser mais forte que o outro.

CHINÊS — De longe, menina! Você já fez um mal.

BOMBINHA — Não fui eu. Foi minha tataravó!... Eu sou novinha em folha.

CHINÊS — Não interessa. Nós não queremos você aqui.

BOMBINHA — Mas eu não vou fazer mal a ninguém. É contra os meus sentimentos. Na verdade para me descobrirem, descobriram muitas coisas boas. Olha, por exemplo: satélite. Eu também faço parte do progresso.

CHINÊS — Isso não justifica seu perigo. Eu ouvi contar a história de uma cidade que você destruiu.

BOMBINHA — Já disse que não fui eu. Foi minha tataravó!

CHINÊS — Lá vem você com sua família! Isso já era. Vá embora.

BOMBINHA — Mas eu juro que não quero destruir nada! Eu quero paz. Eu posso trabalhar. Ajudar. Deixa?

CHINÊS — Não e não. Se você não for embora eu chamo os soldados.

(Nisso as vozes. O Homem. O Cientista. O Boi. O Tiosamka. O Pres. Urso e o Ajudante. O Homem Preto. A Camponesa. Entram correndo e cada um dentro do



seu problema. A ambição e o medo. Música cômica. Nova fuga. E agora acrescenta-se o Chinês. Um lindo e moderno avião, num céu azul. Nova correria naquela seqüência. Cada vez maior e mais rápida e grotesca. Novo slide. Agora mapa da América do Sul. O grupo passa cansado — em câmara lenta, nessa peregrinação pelo mundo. Novo slide. Uma floresta verde e imensa. Tudo quieto. Descem do teto ramadas de cipó. Ouve-se o canto dos pássaros. Às vezes, mesmo o silêncio. Surge um índio, com seu cocar de penas, seu arco e sua flecha. Está caçando. E nisso entra a Bombinha cansada, mas admirada com tanta paz).

BOMBINHA — Moço! Que lugar é esse?

ÍNDIO — Aqui? A floresta do grande Rio.

BOMBINHA — Posso ficar aqui?

ÍNDIO — Pode, desde que você não faça barulho! Eu estou caçando. Preciso silêncio.

BOMBINHA — Puxa! Até que enfim! Aqui é calmo! Tão bom! Você não tem medo de mim?

ÍNDIO — Medo? O que é isso?

BOMBINHA — Você não sabe o que é medo?

ÍNDIO — Não! O que é?

BOMBINHA — Você não sabe quem eu sou?

ÍNDIO — Não! Não sei.

BOMBINHA — Você nunca viu meu retrato no jornal?

ÍNDIO — Retrato? Jornal? Que é isso? É coisa de comer?

BOMBINHA — Não! Eu sou a Bomba Atômica!

ÍNDIO — E daí? Eu sou Uirapuru.

BOMBINHA — Muito prazer. *(Estende a mão. O Índio olha a mão dela e depois estende a sua. Eles se cumprimentam. A ignorância do perigo dá segurança do Índio).* Pois é! Imagine você que eles querem me vender para os países...

ÍNDIO — O que é país?

BOMBINHA — País? É uma terra que junta homens da mesma raça. Às vezes tem de outras raças. Tem um que é o chefe. Às vezes ele se chama Rei. Outras vezes Presidente. Tem cidades. Às vezes eles são independentes. Às vezes, não.

ÍNDIO — E é longe daqui?

BOMBINHA — Aqui, por exemplo, é um. Existem muitos. Além dos Oceanos.

ÍNDIO — Oceanos? O que é isso?

BOMBINHA — Uma porção de água azul. Às vezes, verdes. Quando vai chover fica cinzento e de noite, escuro...

ÍNDIO — Você quer dizer a água grande? O nosso pajé que é muito velho e andou por outras terras, me contou sobre a água grande.

(Mas não há bem que sempre dure e como não há mal que não se acabe — surge sorrateiramente o Cientista, de algum lugar e vê a Bombinha conversando com o Índio e decide apanhá-la. Tira de dentro de uma sacola, uma rede de pescador. Nisso do outro lado surge

Tiosamka. Do outro lado, Pres. Urso e o seu Ajudante. Todos se espreitam... enquanto que o Homem Branco e o Boi, o Homem Preto, a Camponesa e o Chinês, entram exaustos, sempre fugindo. Só que agora cada vez mais lentos. Mais cansados. Cada um vem de um sítio e se esbarram no centro. Seria quase um balé em câmara lenta. Quase flutuando. Caem e então estão de frente à Bomba Atômica. E aí é o pânico. E cada um foge pra um lado. A Bombinha se abraça com o Índio que a protege).

CIENTISTA — Agora você não foge!

PRES. URSSO — Pepegapa apa Bompombapa!

AJUDANTE — Segura ela.

TIOSAMKA — Ela ser minha!

(Caça daqui. Caça dali. Corre-corre. Pega. Foge. É uma aflição).

BOMBINHA — Não! Me soltem. Eu não quero ser bomba.

CIENTISTA — Você não tem querer. *(Segura-a por um braço. Tiosamka por outro).*

TIOSAMKA — Ela ser minha! Solta!

CIENTISTA — Ela é minha. Solta você.

(E puxa pra cá. E puxa pra lá. Estão quase arrancando os pedaços da Bombinha. O Pres. Urso e o Ajudante entram no jogo. Os outros aparecem nos seus lugares e assistem friamente àquela estranha luta. A Bombinha gira feito roda maluca. O Cientista está no auge. Tiosamka furioso, larga a Bombinha e avança feito boxeur para o Cientista. E a caçada virou briga entre os quatros. Eles se engalfinham. Lutam até a destruição mútua. O Ajudante Boboffe, com um porrete,



se encarrega na sua fúria destruidora e ódio ao Cientista de ir liquidando-os. Por fim, exausto, ele cai morto. O Homem Branco e o Homem Preto, a Camponesa e o Chinês, vão a cada um deles, pega um braço e larga, pega uma perna e larga, etc. e verificam que estão mortos. Dão de ombro. E partem seguidos do Bai. Black-out. Novo slide. Uma abstração que lembra um deserto. Tudo amarelo. Árido. Pedregoso. Tons queimados. Entra a Bombinha, exausta. Senta-se numa pedra e soluça. Entra uma Velha. Quem sabe a morte? Quem sabe a própria vida? É preciso pensar. A Velha se aproxima da Bombinha).

VELHA — Por que você está chorando?

BOMBINHA — Eu sou muito infeliz. Não sei o que foi que eu fiz. Ninguém me quer. Você sabe quem eu sou?

VELHA — Sei! A Bomba Atômica.

BOMBINHA — Você não tem medo de mim?

VELHA — Olha. Estou muito velha para ter medo. Nada me impressiona.

BOMBINHA — Pode crer que estou sofrendo muito! Eu só quero um lugar pra ter paz! Mas não encontro. Andei pelo mundo inteiro. Todos tem horror a mim.

VELHA — Só há um lugar.

BOMBINHA — Qual? Me diga por favor. Eu vou correndo pra lá.

VELHA (*Sorrindo enigmática*) — Chama-se País do Sonho.

BOMBINHA — E onde fica?

VELHA — No coração dos homens.



BOMBINHA — Ajude-me. Eu quero deixar de ser Bomba Atômica. Não quero destruir nada. Como?

VELHA — O que quer na verdade é um sonho!

BOMBINHA — Diga o que preciso fazer!

VELHA — Ter fé. Só a fé no seu sonho pode resolver o problema. Bem, vejamos o que é que você quer ser.

BOMBINHA — Uma coisa bonita, que ninguém tenha medo e não fuja de mim.

VELHA — Um bichinho? Um homem? Um pássaro...

(*A Bombinha faz com a cabeça Não a cada coisa proposta*) Olha! Quem sabe uma flor? Você já parece uma flor...

BOMBINHA (*Rindo e batendo palmas*) — É. Era bonito. Eu quero ser flor. (*Mas desanima e triste...*) Como eu vou virar flor?

VELHA — Já disse! Com a vontade de ser alguma coisa e no seu caso — ser flor. Tenha fé e diga: Eu vou ser uma flor! Eu quero ser uma flor!

BOMBINHA — Eu... quero... ser uma flor. (*Tímida*).

VELHA — Não! Com força. Confiança. Repita para você mesma. Eu quero ser uma flor. Agora, adeus! (*A Velha sai*).

A Bombinha no centro da cena repete firme, cada vez mais alto e vai levantando a cabeça e abrindo os braços:

Eu quero ser uma flor!

Eu quero ser uma flor!

Eu quero ser uma flor!

(Sua carapaça de cogumelo se abre e se transforma completamente em flor — branca e linda dentro do deserto amarelo. No ar um coro de vozes se eleva e sobre a flor uma luz dourada desce suavemente. E ela murmura tranqüila:

Eu sou uma flor
A flor da paz.

Ergue os braços para o alto.

Cresce a música e a última visão é de serenidade.

E o pano vai fechando lentamente).

F I M



SBAT
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FINS DE CENSURA DO TEX.
TO. AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO
SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO
REPRESENTANTE NO R. G. SUL

Pernambuco de Oliveira, 1922 -

Quê-pê-co-poi-sa-pá! (*A bomba atômica*). 1.º lugar
do concurso de peças infantis do Serviço Nacional de
Teatro, 1973. Rio de Janeiro, Serviço Nacional de
Teatro, 1974.

vi, 28 p.

21 cm

[Nome completo: Pernambuco Gago Sacadura de
Oliveira]

1. Teatro-Infantil. I. Título.

869.25



PERNAMBUCO DE OLIVEIRA

QUE-PÊ-CO-POI-SA-PÁ!

A BOMBA ATÔMICA

1.º Lugar

do Concurso de Peças Infantis
do "Serviço Nacional de Teatro" — 1973

INSTITUTO DE ARTES
BIBLIOTECA

SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
RIO DE JANEIRO — 1974



Entrada sob nº 5196
Data 04-04-79



PERSONAGENS

CIENTISTA
A BOMBA ATÔMICA
PRESIDENTE TIOSAMKA
PRESIDENTE URSSO
AJUDANTE BOBOFFE
O HOMEM BRANCO
O HOMEM PRETO
O BOI
A CAMPONESA RUSSA
O AGRICULTOR CHINÊS
O ÍNDIO
A VELHA SABEDORIA



1.º ATO

Um telão de fundo com aparelhos incríveis de um laboratório atômico e seus objetos típicos. Um biombo de pano. Um banquinho. Tudo colorido e moderno.

Ao início da peça o Cientista, cantarolando e dançando em torno da Bombinha, dá os últimos retoques.

CIENTISTA — Tra-lalá-lá-lá. Tra-lá-lá-lá-lá-ralá.

Eu sou o dono do mundo! Comigo ninguém pode! Linda! Linda! Linda! De morrer. De morrer, é claro! O país que me comprar você, pode destruir tudo. Tudiiiiinho! Não ficará nada de pé! Mas eu quero muito dinheiro. Só vendo você por muito dinheiro.

BOMBINHA — Eu não quero ser vendida. Eu não quero ir prá país nenhum.

CIENTISTA — Tolices. Bobinha. Além do que eu preciso comprar um apartamento novo. Um fusca último tipo e ir a Paris. Estou cansado de pagar prestações da última viagem que eu fiz à Bahia. Todo mês eu tenho que ir ao banco. Imaginem um cientista como eu, sentado num banco da praia. Sem dinheiro! Que horror! *(Ele é completamente destrambelhado. Toca o telefone)* O telefone? Quem será? *(Ele puxa um fio imaginário como se fosse um pescador puxando uma rede de peixe. O telefone é vermelho. Atendendo)* Alô? Onde fala? Que absurdo! Ligou e não sabe com quem está falando? Idiota! *(Corrige amável)* Não é com o senhor, não! É aqui com o meu cachorro! Sai Juca! Sai. *(Fala com um cachorro inexistente)* Quem fala aqui é o Dr. Roscoff — o maior inventor do século. Que é que o senhor quer? Ah! Marcar consulta? Não sou dentista.

No mundo dos homens desesperados só resta a flor do medo. Brotou a intransquilidade com a ameaça mil vezes desfeita e sempre renovada, neste sonho impossível de PAZ.

Rio, 1972

(*Protesta*) Sou cientista! Bem, vou consultar meus alfarrábios! Boniiiiito! Al-far-rá-bios! Gostei. (*Vai à mesa e folheia um livro imenso*) Hoje!!! Amanhã!!! Depois!!! Qualquer dia!!! Bem! Amanhã mesmo! Às 14 horas e 30 minutos. Cinco segundos. Tá bom! (*Volta ao telefone*) Senhor Presidente, amanhã às 14 horas, 30 minutos. Cinco segundos. Olha! Traga o talão de cheques ou um caminhão de dinheiro. O que foi que eu disse? Nada! Nada! Tchau! (*O Cientista desliga o telefone — faz um gesto — o telefone se afasta — ele é sobre rodinhas, é claro — e volta à Bombinha*). Quando você explodir irá tudo pelos ares. Não sobra nada pra contar a história. E não fica com essa cara não! (*A Bombinha está apavorada*).

BOMBINHA — Mas eu não quero explodir, seu Cientista! (*Batendo o pé*) Eu não gosto. O senhor tem cada idéia maluca!

CIENTISTA — Cala boca! Aonde já se viu bomba atômica falar! E ainda por cima, não quer explodir! Esse mundo de hoje está virado. Tudo ao contrário!

BOMBINHA — Falo! Falo e falo! É um direito que eu tenho. Se eu tenho boca é pra falar! Eu não quero explodir. Nem destruir nada!

(*O telefone toca de novo*).

CIENTISTA — Vê filhinha! O telefone não pára. Depois que eu botei anúncio no JB é só gente querendo comprar você. De todas as partes do mundo! (*Faz o gesto de pescador e lá vem o telefone de novo — se possível agora ele é azul*) Heiiiiiiiii! (*Muito sestroso*) Aqui fala o maior descobridor do Brasil. Não! Não é o Pedro Álvares Cabral. Seu burro! Eu sou inventor. Já estou ficando de mau humor. Ah! desculpe, Sr. Presidente. (*Cheio de salamaleques*) Sim, senhor Presidente. (*Servil*) De acordo, Sr. Presidente. (*Exagerado*) O Sr. manda! Que horas? Deixe ver! Vou consultar meus arquivos! (*Vai ao livro — folheia*) 14 horas, 30 minutos. Cinco segundos. Tá bom! (*Volta ao telefone*)

Helôôôô, Sua Majestade, isto é, Sr. Presidente. Amanhã às 14 horas. Trinta minutos. Cinco segundos. O que é preciso? Caneta. Pra que? Assinar cheques, ora! Passe bem! (*Bate o telefone. Esfrega as mãos satisfeito*) Estou rico. Rico. Rico. Vendo essa bomba pra os dois presidentes. Assim os dois países ficarão com medo, um do outro. Por que? Porque o negócio é quem explode primeiro... Puff... (*Gesto de ir pelos ares*) Coitadinho do resto. Não sobra nada. Nadinha. Vou ficar rico com esses patetas. E agora filhinha, você vai ser empacotada, bem bonitinha e... mas silêncio. Estou falando demais! Quem sabe não existem espões por aí?

BOMBINHA — Como eu sou infeliz. (*A Bomba está muito desanimada e chora tristemente*).

(*A campainha da porta da rua toca*).

CIENTISTA — Ué! Será que o presidente já chegou? Mas eu marquei amanhã! Também não tem importância. Faz de conta que hoje é amanhã. (*Pega um pano colorido e cobre a Bombinha*) Fique quieta. Nada de choros. (*E vai até a porta da rua, que não existe*) Quem é?

PRESIDENTE — Eu sou Tiosamka, presidente nomeado do país "Tudo cor de rosa"! (*Ele tem sotaque americano*) Eu quer ver bomba atômica!

CIENTISTA — Entre! (*Os dois aparecendo*) Muito bem, e quais são suas intenções? Boas?

TIOSAMKA — Good! Isto é... boas. Mas eu quer saber pra que serve bomba!

CIENTISTA — Ah! Senhor Presidente!... Como é mesmo o seu nome?

PRESIDENTE — Tiosanka.



CIENTISTA — Pois é! Tiosamka. A Bombinha tem várias utilidades. (*Contando nos dedos*) 1.º — Meter medo nos outros países trouxas.

PRESIDENTE — Good! Ótimo!

CIENTISTA — 2.º — Destruir os jardins e como consequência matar todas as formigas e flores. Mania que essa gente tem de flores!

PRESIDENTE — Mais ótimo. Nada de flores.

CIENTISTA — 3.º — Derrubar tudo quanto é casa. Pra que casa? Não é? Que morem em buracos como os ratos.

PRESIDENTE — Yes, mais ótimo ainda! (*Está no auge do entusiasmo*).

CIENTISTA — Mas vamos ao que interessa. (*Esfregando os dedos em sinal de dinheiro*) O senhor quer ou não quer comprar esse cogumelo?

PRESIDENTE — Yes. Mim trouxe cheque. (*Batendo no bolso*).

(*Toque de campanha*).

CIENTISTA — Quem será? Que horas são?

UMA VOZ — 14 horas. Trinta minutos. Cinco segundos. Lembra-se?

PRESIDENTE — De novo? Isso foi quando eu cheguei.

CIENTISTA (*Misterioso*) — Aqui o tempo não passa... ou melhor... passa tão rápido que é sempre a mesma hora. Com licença. (*Faz reverência grotesca*) Com licença. (*Nova reverência recuando de costas sempre e fazendo reverências e... com licença... até que*



esbarra na mesa. Cai uma porção de coisas. Ele tenta segurar. Enquanto isso o Presidente se curva autômato e mecânico, de tal modo que precisa com as mãos segurar a cabeça — fazendo-a parar. O Cientista sai finalmente. Puxa! Custou! Fora de cena) — Quem é o senhor?

Voz — Opo sepenhorpo epé mapalupucopo? (*O senhor é maluco? Língua do P*) Opo sepenhorpo marcoupou hoporapa copomipigopo! (*O senhor marcou hora comigo*) Epeu soupou Prepesipidempentepe dopo URSSO (*Eu sou Presidente do URSSO. Na verdade ele parece um urso. Barba e bigodes imensos e vermelhos. Usa gorro de pelo. Casaco peludo verde. Grande, gordo. Também é ridículo. Tem uma voz de trovão. Às vezes podia falar fino, desafinado*).

CIENTISTA — Chiiii! Foi, é? Que coisa. (*Falso espanto*) Um momento! Agüenta aí! (*Volta para o laboratório*).

TIOSAMKA — E agora? Ele não deve me ver! Que é que eu faz? Ouuuuu! Estou confuso! (*Perde a classe britânica e procura um lugar para se esconder*).

CIENTISTA (*Entrando novamente*) — Majestade. Ah! Prefeito! Ah! Sindico de edificio. Ah! Sei lá!

TIOSAMKA (*Aflito*) — Quando eu sair daqui vai mandar você para a cadeira elétrica.

CIENTISTA — Imagina!!! Que audácia! Eu virar torresmo! Bem, depois a gente discute esses detalhes. Entra aqui! (*Empurra o Presidente para dentro de um biombo de cortina aberta no meio, permitindo a passagem. Leve porque ele anda de um lado pro outro, etc*) Fique quieto aí. (*Cientista vai correndo à porta da rua inexistente*) Quinhentas mil desculpas, senhor URSSO. É que estava tudo desarrumado. Sabe. As empregadas de hoje! Estão tão difíceis. A gente não pode confiar!

(Eles entram. O Presidente, gordo, seguido do Ajudante-Tradutor e do Cientista. Os dois estão de braços dados e conversam amigavelmente. O Tradutor atrás. É extremamente antipático e bajulador).

PRES. URSSO — Pois epé. *(Entra no tom doméstico)* Apa mipinhapa mupulherpe espetapa sempem repeclapamanpandopo quepe apa empempregapada, lepevapa aparroz epe feipejãopão pra capasapa. Epe por issopo quepe nãopãochepegapa!

CIENTISTA — Pois é! Com essa vida cara, o dinheiro não dá pra nada. *(Parecem duas donas de casa discutindo na porta das Casas da Banha).*

PRES. URSSO — Senpenhorpor! Quepe conponfipianpançapa sãopão espessapas? Eupeu queperopo verpe apa bompombapa. Ompondepe espetapa apa bompambapa? *(Falando grosso).*

CIENTISTA — Que diabo de língua fala esse homem? Não estou entendendo bolhufas. *(Volta-se autoritário)* O senhor quer falar língua de gente?

AJUDANTE — Epelepe dipisse quepe nãopãp enpen-tenpendeupeu bupulhupufaspas.

PRES. URSSO — Porpoquepe epele epé muipuitopo bupupropo.

AJUDANTE — O Presidente disse que o senhor é um gênio. O cara mais inteligente da terra. Nunca viu igual.

CIENTISTA *(Cheio de si)* — Que exagero! Também assim é muito. *(Mudando de tom)* Mas vamos ao que interessa. Quais são as intenções dele?

AJUDANTE *(Para o Presidente)* — Qualpal sãopão apas supuaspas impintempençõespões?



PRES. URSSO — Bopoaspas. Prapaquepe serpevepe apa bompombapa?

AJUDANTE — Pra que serve a bomba?

CIENTISTA — Que gente mais sem imaginação! Sempre a mesma pergunta. *(Contando nos dedos, meio impaciente)* 1.º — Meter medo no Tiosamka. *(O Presidente Tiosamka mete a cara fora da cortina. Se esconde).*

PRES. URSSO — Bompom. *(Satisfeito).*

CIENTISTA — Destruir navios e foguetes do Tiosamka.

PRES. URSSO — Opotpimopo.

(Tiosamka movimenta o biombo para ouvir melhor e também ficar visível).

CIENTISTA — Acabar com esse negócio de lua, paly-ground pra crianças, Escolas, Futebol, Cidades, Países. Todas essas besteiras. Mas falemos de negócios. Quer ou não quer comprar a bomba?

PRES. URSSO — Boboffe! Vempem capá! *(O Presidente arrasta o Ajudante para o lado e conferenciam. Enquanto isso Presidente Tiosamka...).*

TIOSAMKA — Psiu! Psiu! Cientista! *(O Cientista manda fazer silêncio e vai até o biombo que por sua vez também se aproximou dele. O Presidente puxa o Cientista pra dentro da cortina grotescamente).* You! Não poder negociar com inimiga meu! Eu quer a bomba. *(Está agarrando-o pela gola, quase no ar. O Presidente Urssó e o Ajudante procuram o Cientista).*

AJUDANTE — Uai! Cadê ele? *(Procuram pelo laboratório)* Cientista! Cienpentispistapa!

CIENTISTA — Me larga! Me larga! Senão eu grito. *(Se solta e sai pelo outro lado se arrumando)* Aqui! Aqui! Pois não! *(Reverência)*.

AJUDANTE — Meu Presidente disse que se você garante que a bomba arrasa tudo — não sobra nada-nada-nada, ele compra a bomba. Sobretudo você tem que garantir que a bomba é contra Tiosamka.

(Tiosamka reage a tudo do outro lado, chega até a andar com o biombo, o que obriga ao Cientista mil salamaleques e desconfiança dos dois).

CIENTISTA — Claaaaro! Não fica nem cheiro dele, nem do país dele. Desaparece da face da terra. Essa bomba é furiosa. Ela está louca pra explodir.

(A Bombinha escondida debaixo do pano soluça).

PRESIDENTE E AJUDANTE *(Ao mesmo tempo)* — Que choro é esse?

(Cientista começa a chorar e vai até a Bombinha e dá-lhe um beliscão).

BOMBINHA — Ai. Ai. Ai.

CIENTISTA — Ai. Ai. Ai. *(Pega no pé e finge que dói)*.

(Presidente Urso e Ajudante ficam espantados. Tiosamka mete a cara de fora. Ninguém entende nada. A Bombinha fica quieta finalmente. O Cientista também e volla para o lugar anterior. Simultaneamente o Tiosamka esconde a cabeça a fim de não ser visto).

AJUDANTE — Que barulho é esse?

CIENTISTA — Barulho? Não! Não ouvi nada não! Engano seu! Alé que não há barulho. Existe aqui a lei do silêncio. *(Ele fala tudo baixinho)*.



(Presidente Urso pura Ajudante de novo e vão pro canto e confabulam. Tiosamka se aproxima mais do Cientista que desaparece atrás da cortina).

TIOSAMKA — Mister Cientista não pode vender bomba meu inimigo. Senhor lembrar ser país vizinho. Eu manda soldados toma conta e tira seu bomba. Só mini ter bombas.

CIENTISTA — Claro! Claro! Chega de lero-lero. Quanto é que o senhor paga pela bomba?

TIOSAMKA — Eu dá um milhão de dinherro!

CIENTISTA — Só? Eu, hein! Isso a gente tira na loteria esportiva. Dá licença. *(Sai e se dirige ao Presidente Urso)* Vocês já resolveram? Quanto é que vocês dão pela bomba?

AJUDANTE — Meu Presidente anda com as finanças ruins. Sabe, as vendas caíram muito esse mês, mas em todo caso ele oferece dois milhões de dinheiro. *(Tiosamka limpa a garganta — Ajudante e Urso olham em volta. Cientista começa a tossir)*. Quem está aqui? Quempem espestapá apaquiipi? *(E desatam a procurar. Enquanto isso Tiosamka puxa o Cientista pelo braço e ele voa através da cortina e some do outro lado)*.

BOMBINHA — Ah! Meu Deus. Como eu sou infeliz! *(Cientista mete a cara na cortina e arremeda)* Ah! Meu Deus. Como sou infeliz! *(Presidente Urso e Ajudante se voltam. Um olha para o outro e fazem sinal que o Cientista é louco. E voltam a conferenciar. Cientista desaparece atrás da cortina)*.

TIOSAMKA — Eu dá três milhões de dinherro. *(E tira o talão de cheque e quer assinar)*.

CIENTISTA — É? Um momento. Volto já. *(Sai e vai até os dois)* Olha, três milhões é pouco. O Tiosamka a

última vez que esteve aqui (*Fala mais alto e intencional*) me ofereceu Cinco Bilhões de dinheiro. Cin-co Bi-lhões. (*Tiosamka arregala os olhos. Tem um "troço" atrás do biombo. O Urssso pensa. E o Cientista no meio*) Quem dá mais? Quem dá mais? (*É o próprio leiloeiro*).

PRES. URSSO (*Engasgado*) — Eupeu dopou dezpez bipilhompões.

AJUDANTE (*Nervoso*) — Ele dá 15 bilhões. (*O Urssso cai sentado com falta de ar. O Ajudante corre a socorrê-lo, abanando-o*).

CIENTISTA — Quero mais! Quero mais! Quero mais! (*E dança uma dança frenética*).

TIOSAMKA — Epeu dopou... Ouuuu... (*Corrige com raiva. Sai da cortina e vai até o Cientista nervosíssimo*) Eu dá vinte bilhões de dinherro. Cheque aqui. E tem fundos!

CIENTISTA — No duro? (*E vai ao mesmo tempo empurrando-o rapidissimamente para dentro da cortina*) Assine o cheque e passe o cobre. (*O Cientista sai e vai até o Presidente Urssso*) Olha! Diz pra esse cara aí que eu quero vinte, vin-te bilhões. Nem um tostão menos. Pode ou não pode?

AJUDANTE — Epelepe querpe vinpetepe bipillhompões!

PRES. URSSO — Ôôôô. Estoupou fapalipidopo. (*Tira o talão de cheque e começa assinar. O cientista vibra. O Urssso entrega o cheque. O Cientista lê e guarda-o no bolso*).

AJUDANTE — Agora, a bomba.

PRES. URSSO — Epe seupcu sepegrepedopo!

AJUDANTE — E seu segredo!

CIENTISTA — É mole! Um momento. (*Sai e volta trazendo uma bomba igual a que está em cena — só*



que agora é de papelão — estão deslumbrados. Andam em volta) É só apertar o botão... e... tudo pelos ares. Não fica nada. Pode levar. É sua. Passe bem. (*Começa a empurrar o Presidente Urssso, Ajudante, que carregam a bomba. Pega um papel, assina e entrega*) Aqui está o recibo. Aqui. Certificado de garantia. Tchau! Sumam-se.

(*Tiosamka está louco de raiva. Não agüenta mais. Sai de trás da cortina. Rói as unhas. Sapateia. Chora desesperado com o fato. E vai girando o biombo para não ser visto*).

PRES. URSSO — Bompom dipiapa. (*E saem*).

(*Finalmente. Já não era sem tempo. Tiosamka sai de dentro do biombo mais violento do que a própria bomba, avança furioso para o Cientista*).

TIOSAMKA — Traidor! Patifa! Eu quebra sua cara. (*E aqui tem que haver uma "perseguiçãozinha". As crianças adoram. O bem persegue o mal. Só que nesta situação todo mundo é mau caráter. Cientista cai. Tiosamka senta em cima dele*) Eu vai esganar vocês! Você não presta. Vende bomba pra meu inimiga. Meu dinheiro melhor do que d'ele.

CIENTISTA — Calma! Calma! Dá licença. Sai. O senhor não deixa a gente falar. Que coisa! Saiiiii! (*Empurra Tiosamka que cai do outro lado, mas ambos se levantam*) Pois é! O senhor quase estraga tudo com sua ignorância.

TIOSAMKA — Ignorância é sua avó. Eu chega primeiro. E agora? (*Senta-se num banco e chora feito um bezerro desmamado*) Eu não tem bomba! Eu prometi ter bomba. Eu quer fazer guerra e não tem bomba. Ah! Ah! Ah! (*Chora cada vez mais e não pode ser mais ridículo*).

CIENTISTA — Deixa de besteira. O senhor não deixa eu falar. Tamanho homem chorando... Olha (*Misc-*

riosamente) eu tenho um segredo. Sabe o que é? Olha! Aquela bomba era falsa. De papelão. O botão não explode nada. (*Tiosamka começa a ficar alegre*) Ela é de mentirinha. Eu enganei eles. A verdadeira está lá dentro do outro laboratório, escondida pra você. Foi esse o golpe. Senão eles não iam embora. Compreendem? Morou?

TIOSAMKA — Morrei. (*Ri feliz*).

CIENTISTA (*Suspira aliviado*) — Ainda bem. Eu vou buscar a bomba. Vai enchendo o cheque aí. (*Debaixo do pano a Bombinha treme apavorada. O Cientista volta com outra bomba igualzinha a outra. Só que de cor azul*) Olha, aqui está o botão. É só ligar na eletricidade e apertar o botão... e “puuuuum”. Tudo pelos ares. Não sobra nada!

TIOSAMKA — Aqui está cheque. Banca está a seu lado. Good-bye. (*Cientista pega cheque e procura dos lados o banco que não está, é claro. Mas guarda o cheque no bolso. E começa a empurrar Tiosamka, que está feliz com a bomba, em direção à rua*).

CIENTISTA — Tchau. Tchauzinho. Boa sorte. (*Finalmente Tiosamka parte também. E o Cientista volta rindo às gargalhadas. Tira os cheques do bolso e conta*) Quarenta bilhões de dinheiro... e as bombas são de papelão. Não explodem nada, porque a verdadeira ficou aqui. (*Descobre a Bombinha horrorizada*) Ah, ah, ah! Minha querida. Imagina se eu vou vender você só por 40 bilhões de dinheiro. Você é a coisa mais forte do mundo e eu com você, sou dono dele, ouviu! Dono do mundo. (*Ele é louco realmente, embora cômico*) Ninguém pode comigo. Eu sou o dono do mundo! (*Nisso toca o telefone*) Que é isso? Será que eles já descobriram? Não dava tempo! (*Novo gesto de pescar telefone. Entra telefone. Atendendo*) Hellôôôôôô! Três. Quatro. Quatro. Cinco. Cinco. Quatro. Zero. Quatro. Quatro (*Bem. Uma porção de quatro. Pausa*) O grande descobridor! Não. Não sou Cristovão Colombo. Eu não



descobri América nenhuma! Ahnnn! Quem? Presidente da Conchichina? O senhor quer uma consulta (*Corrige*) isto é, uma audiência? O senhor quer comprar a minha bomba? (*Ele olha para a Bombinha. Coitadinha, agora chegou a vez*) Se ela explode? Claro. Foi feita pra isso! (*A Bombinha chora e morre de medo, treme mais do que gelatina Royal em anúncio da televisão*) Preço? A última oferta que eu tive...

BOMBINHA — Que horror! Desta vez eu não escapo. Vou ser vendida. Que é que eu faço? Estou perdida. Eu não quero explodir. É horrível. Eu não quero explodir coisa nenhuma. Preciso fazer alguma coisa. (*Aflita*) Mas o que? Preciso fugir. Preciso fugir. (*Ela busca uma saída*).

CIENTISTA — Senhor Presidente Ping-Pong. Que tal quarenta bilhões de dinheiro? Olha que é um precinho camarada... A que horas? 14 horas. Trinta minutos. Cinco segundos. Estou esperando. É barato, não é? O senhor está de acordo? É sua! Pode vir buscar! (*Desliga. Manda o telefone embora. Esfrega as mãos. Feliz*). Três idiotas. Todos três terão a bomba. Mas o dinheiro e o segredo são meus! Durante o telefonema a Bombinha pegou um papel e escreveu um bilhete, deixou no local em que ela estava e partiu. O Cientista vai até o lugar da Bombinha) Uai! Cadê a Bombinha? Um bilhete! Deixe-me ver. Sr. Cientista: Eu não quero destruir nada. Não quero ser vendida. Eu decidi fugir. Hei de encontrar um lugar tranquilo. E que respeitem minha vontade. Eu amo a paz. As flores. Os animalzinhos, e não vou explodir nada. Adeus! Cruzes! Que é que eu faço? Se alguém apertar o botão dela por brincadeira, o mundo vai pelos ares. Ai! Que horror! (*E cai duro*).

Black-out.

FIM DO 1.º ATO



2.º ATO

Cenário: Uma tela onde serão projetados diversos slides necessários à ação e mais alguns elementos cênicos e ainda efeitos luminosos.

Ao abrir o pano vê-se uma grande tela onde serão projetados diversos lugares por onde passará a Bomba Atômica, complementados por efeitos cênicos e efeitos luminosos.

1.º Slide: uma cidade moderna. Um operário está trabalhando. Entra a Bomba, curiosa. Dirige-se ao Homem

BOMBINHA — Que lugar é este?

HOMEM — A cidade dos homens.

BOMBINHA — Que bonita! E aqui há paz?

HOMEM — As vezes. Quem é você (*O Homem olha desconfiado*).

BOMBINHA — Eu... eu... (*Gagueja*) Eu sou a Bomba Atômica.

HOMEM (*Horrorizado*) — Saia! Saia daqui já! Nós temos horror a você. Você é muito perigosa. É por sua causa que aqui ninguém dorme. Ninguém sabe o que vai acontecer.

BOMBINHA — Ah! Mas eu quero ficar com vocês. Prometo que não vou explodir. Olha, eu posso fazer

muita coisa. O Cientista que me inventou disse que graças a mim, ele descobriu uma porção de outras coisas. Eu conheço essas coisas! Eu posso ensiná-las...

HOMEM — Não interessa. Saia! Senão eu chamo a polícia.

BOMBINHA (*Quase chorando*) — E pra onde é que eu vou?

HOMEM (*Se afastando*) — Não sei. Um lugar bem longe. Lá na floresta. Numa ilha. Mas saia. (*Ele foge*).

BOMBINHA (*Triste, pega a trouxinha e vai sair. Para, olhando a cidade*) — Puxa! Que bonito. Nem me deixaram conhecer a cidade. Que pena!... (*Ouve-se a voz do Cientista ao longe*).

CIENTISTA — Por aqui! Acho que ela veio por aqui!

BOMBINHA (*Aflita*) — É ele! Tenho que fugir! (*Sai*).

CIENTISTA (*Entrando com uma lente imensa, fazendo investigações e fareja feito cachorro caçador*) — Ela veio por aqui. Ah! Se eu pego essa cretina! Nem sei o que faço. Aqui! Olha as marcas. (*Entra o Homem correndo de onde foi a bomba. Ouvem-se vozes: Foge! Foge! Vai explodir a bomba! Perigo!*)

HOMEM — Foge velhote! A Bomba Atômica anda solta por aí. É o fim do mundo.

CIENTISTA — É? Aonde? Eu vou lá! (*Vai na direção apontada pelo Homem*).

(*Nesse instante entra o Pres. Urso e o Ajudante Boboffe e esbarram com o Homem, caem os três no chão, sentados. Um para cada lado*).

AJUDANTE — Seu estúpido. Não enxerga? (*O Homem querendo fugir e os dois segurando-o pela perna*).

PRES. URSSO — Quepe copoipisapa!

AJUDANTE — Não foge não! Eu quero uma informação.

HOMEM — Eu tenho que ir embora!

AJUDANTE — O senhor viu por aí uma Bomba Atômica?

HOMEM — Por ali! Me largue. Me largue. (*O Homem levanta e foge — os dois se levantam cômicos e seguem a direção apontada. Quando o Homem vai quase saindo, entra voando o Tiosamka. Novo esbarro. Nova queda*).

TIOSAMKA — Senhorr! Senhorr é maluca! Não vê rua? (*Está segurando o Homem*).

HOMEM — Não tenho tempo para conversa fiada. Preciso fugir. Solte-me!

TIOSAMKA — Senhorr viu Bomba Atômica? Depois Cientista. Depois Urso e depois Ajudante Boboffe.

HOMEM — Vi. Ali. Todos ali. Agora solte-me. (*O Homem se larga e foge. Tiosamka segue a direção oposta*).

(*E na tela um slide de estrada bem moderna. Dessas rodovias de alta velocidade. Na beira está um boi pastando tranqüilamente. Entra o Homem correndo. O boi levanta a cabeça. Entra a Bomba Atômica. Aflita*).

BOMBINHA — Onde será a floresta? Não vejo. (*Foge. Depois vem o Cientista sempre farejando feito cachorro e olhando as marcas no chão com a lupa imensa. Segue. O Boi fica mais espantado. Depois vem Tiosamka. O Boi de novo. Depois vem o Presidente Urso seguido do Ajudante — param. Olham. Só o Boi acompanhou a transa — espantadíssimo*).

AJUDANTE — Ninguém. Só esse boi. Eu não sei língua de boi. não adianta perguntar. Onde terá ido essa Bomba Atômica? Vamos por ali. (*Segue*).

ENTRA



ENTRA

Boi — Muuuuuuu!!! Bomba Atômica? (Sai correndo atrás do grupo).

(É quando surge um slide de mapa de um país e na frente desfila naquela corrida... O Homem, a Bomba Atômica, o Cientista, o Pres. Tiosamka, o Pres. Urso e seu Ajudante e o Boi. Depois novo slide. Agora um navio moderno singrando um mar azul. Outro mapa. A América do Norte. Outro slide. Uma plantação bonita de algodão no Mississipi. Música de banjo. Um homem preto está trabalhando na lavoura e cantarolando Old Man River. Entra a Bombinha).

BOMBINHA — Moço, que lugar é esse?

HOMEM PRETO — Uma plantação de algodão no país. Tudo cor de rosa.

BOMBINHA — Cujo Presidente é o Tiosamka?

HOMEM PRETO — É! Como é que você sabe?

BOMBINHA — Ele queria me comprar do Cientista maluco. Aliás, sabe? Ele roubou o meu segredo de um outro cientista bacana. Um homem muito sério e inteligente.

HOMEM PRETO — E quem é você? Acho que já vi seu retrato.

BOMBINHA — É possível. Os jornais todos publicam meu retrato. Eu sou a Bomba Atômica.

HOMEM PRETO — Não!!! Chega de conversa. Saia! Saia já daqui. Eu tenho horror a você! (A Bombinha começa a chorar).

BOMBINHA — Deixa eu ficar aqui. Eu ajudo você a trabalhar. Ensino uma porção de segredos das novas plantações.

HOMEM PRETO — Chega. Você vai ou não vai?

BOMBINHA — Não. Não e não. Que raiva! (Se senta no chão e chora copiosamente. O Homem Preto larga a enxada e foge. Voz do Cientista:)

CIENTISTA — Hei de achá-la!

(Vozes dos demais perseguidores. Tudo rápido. A Bombinha se levanta e foge. Entra Cientista. Segue Tiosamka, Pres. Urso, Ajudante, o Boi. E desaparecem. Surge novo slide. Agora paisagem de neve. Tudo branco. Cai neve. Uma camponesa russa está apanhando lenha. Entra Homem correndo. Passa Bombinha. Passa Cientista. Passa Tiosamka. Passa Pres. Urso e Ajudante. Passa o Boi. Passa o Homem Preto. A Camponesa não agüenta mais de espanto).

CAMPONESA — Hei! Moço, por que tanta correria?

HOMEM PRETO — Olha. Fuja. É a Bomba Atômica! Imensa! Enorme! Grande! Vem aí! Furiosa. Só quer explodir de qualquer jeito.

CAMPONESA — E o que é que acontece?

HOMEM PRETO — No mínimo derrete toda a neve... Fuja, se você tem amor à pele! (A Camponesa joga a lenha fora e sai correndo atrás. Some o slide. Novo slide de mapa. Agora a Ásia. E aquele desfile acrescido agora da Camponesa. Some tudo. Novo slide. Uma plantação de arroz na China. Música chinesa. Um chinês trabalhando. Entra o Homem, sempre fugindo. Vem a Bombinha. Vem o Cientista. Vem Tiosamka. Vem Pres. Urso e o Ajudante. Vem o Boi. Vem o Homem Preto. Vem a Camponesa).

CHINÊS — Hei! O que houve? Festa no palácio do Dragão Celeste?



CAMPONESA — Não! É a Bomba Atômica que está solta. Já explodiu por aí. Quer explodir de novo. Fuja. *(Ela segue o caminho. Volta a Bombinha aflita).*

BOMBINHA — Moço! Moço! Me esconda por favor. Eu estou exausta! *(Desconfio que os atores também — mas caros do ofício — eles ainda têm que correr muito)* Eles querem me vender, isto é, eles querem me comprar. Cada um quer ser mais forte que o outro.

CHINÊS — De longe, menina! Você já fez um mal.

BOMBINHA — Não fui eu. Foi minha tataravó!... Eu sou novinha em folha.

CHINÊS — Não interessa. Nós não queremos você aqui.

BOMBINHA — Mas eu não vou fazer mal a ninguém. É contra os meus sentimentos. Na verdade para me descobrirem, descobriram muitas coisas boas. Olha, por exemplo: satélite. Eu também faço parte do progresso.

CHINÊS — Isso não justifica seu perigo. Eu ouvi contar a história de uma cidade que você destruiu.

BOMBINHA — Já disse que não fui eu. Foi minha tataravó!

CHINÊS — Lá vem você com sua família! Isso já era. Vá embora.

BOMBINHA — Mas eu juro que não quero destruir nada! Eu quero paz. Eu posso trabalhar. Ajudar. Deixa?

CHINÊS — Não e não. Se você não for embora eu chamo os soldados.

(Nisso as vozes. O Homem. O Cientista. O Boi. O Tiosamka. O Pres. Urso e o Ajudante. O Homem Preto. A Camponesa. Entram correndo e cada um dentro do



seu problema. A ambição e o medo. Música cômica. Nova fuga. E agora acrescenta-se o Chinês. Um lindo e moderno avião, num céu azul. Nova correria naquela seqüência. Cada vez maior e mais rápida e grotesca. Novo slide. Agora mapa da América do Sul. O grupo passa cansado — em câmara lenta, nessa peregrinação pelo mundo. Novo slide. Uma floresta verde e imensa. Tudo quieto. Descem do teto ramadas de cipó. Ouve-se o canto dos pássaros. As vezes, mesmo o silêncio. Surge um índio, com seu cocar de penas, seu arco e sua flecha. Está caçando. E nisso entra a Bombinha cansada, mas admirada com tanta paz).

BOMBINHA — Moço! Que lugar é esse?

ÍNDIO — Aqui? A floresta do grande Rio.

BOMBINHA — Posso ficar aqui?

ÍNDIO — Pode, desde que você não faça barulho! Eu estou caçando. Preciso silêncio.

BOMBINHA — Puxa! Até que enfim! Aqui é calmo! Tão bom! Você não tem medo de mim?

ÍNDIO — Medo? O que é isso?

BOMBINHA — Você não sabe o que é medo?

ÍNDIO — Não! O que é?

BOMBINHA — Você não sabe quem eu sou?

ÍNDIO — Não! Não sei.

BOMBINHA — Você nunca viu meu retrato no jornal?

ÍNDIO — Retrato? Jornal? Que é isso? É coisa de comer?

BOMBINHA — Não! Eu sou a Bomba Atômica!

ÍNDIO — E daí? Eu sou Uirapuru.

BOMBINHA — Muito prazer. *(Estende a mão. O Índio olha a mão dela e depois estende a sua. Eles se cumprimentam. A ignorância do perigo dá segurança do Índio).* Pois é! Imagine você que eles querem me vender para os países...

ÍNDIO — O que é país?

BOMBINHA — País? É uma terra que junta homens da mesma raça. Às vezes tem de outras raças. Tem um que é o chefe. Às vezes ele se chama Rei. Outras vezes Presidente. Tem cidades. Às vezes eles são independentes. Às vezes, não.

ÍNDIO — E é longe daqui?

BOMBINHA — Aqui, por exemplo, é um. Existem muitos. Além dos Oceanos.

ÍNDIO — Oceanos? O que é isso?

BOMBINHA — Uma porção de água azul. Às vezes, verdes. Quando vai chover fica cinzento e de noite, escuro...

ÍNDIO — Você quer dizer a água grande? O nosso pajé que é muito velho e andou por outras terras, me contou sobre a água grande.

(Mas não há bem que sempre dure e como não há mal que não se acabe — surge sorrateiramente o Cientista, de algum lugar e vê a Bombinha conversando com o Índio e decide apanhá-la. Tira de dentro de uma sacola, uma rede de pescador. Nisso do outro lado surge



Tiosamka. Do outro lado, Pres. Urssó e o seu Ajudante. Todos se espreitam... enquanto que o Homem Branco e o Boi, o Homem Preto, a Camponesa e o Chinês, entram exaustos, sempre fugindo. Só que agora cada vez mais lentos. Mais cansados. Cada um vem de um sítio e se esbarram no centro. Seria quase um balé em câmara lenta. Quase flutuando. Caem e então estão de frente à Bomba Atômica. E aí é o pânico. E cada um foge pra um lado. A Bombinha se abraça com o Índio que a protege).

CIENTISTA — Agora você não foge!

PRES. URSSO — Pepegapa apa Bompombapa!

AJUDANTE — Segura ela.

TIOSAMKA — Ela ser minha!

(Caça daqui. Caça dali. Corre-corre. Pega. Foge. É uma aflição).

BOMBINHA — Não! Me soltem. Eu não quero ser bomba.

CIENTISTA — Você não tem querer. *(Segura-a por um braço. Tiosamka por outro).*

TIOSAMKA — Ela ser minha! Solta!

CIENTISTA — Ela é minha. Solta você.

(E puxa pra cá. E puxa pra lá. Estão quase arrancando os pedaços da Bombinha. O Pres. Urssó e o Ajudante entram no jogo. Os outros aparecem nos seus lugares e assistem friamente àquela estranha luta. A Bombinha gira feito roda maluca. O Cientista está no auge. Tiosamka furioso, larga a Bombinha e avança feito boxeur para o Cientista. E a caçada virou briga entre os quatro. Eles se engalfinham. Lutam até a destruição mútua. O Ajudante Boboffe, com um porrete,

se encarrega na sua fúria destruidora e ódio ao Cientista de ir liquidando-os. Por fim, exausto, ele cai morto. O Homem Branco e o Homem Preto, a Camponesa e o Chinês, vão a cada um deles, pega um braço e larga, pega uma perna e larga, etc. e verificam que estão mortos. Dão de ombro. E partem seguidos do Boi. Black-out. Novo slide. Uma abstração que lembra um deserto. Tudo amarelo. Árido. Pedregoso. Tons queimados. Entra a Bombinha, exausta. Senta-se numa pedra e soluça. Entra uma Velha. Quem sabe a morte? Quem sabe a própria vida? É preciso pensar. A Velha se aproxima da Bombinha).

VELHA — Por que você está chorando?

BOMBINHA — Eu sou muito infeliz. Não sei o que foi que eu fiz. Ninguém me quer. Você sabe quem eu sou?

VELHA — Sei! A Bomba Atômica.

BOMBINHA — Você não tem medo de mim?

VELHA — Olha. Estou muito velha para ter medo. Nada me impressiona.

BOMBINHA — Pode crer que estou sofrendo muito! Eu só quero um lugar pra ter paz! Mas não encontro. Andei pelo mundo inteiro. Todos tem horror a mim.

VELHA — Só há um lugar.

BOMBINHA — Qual? Me diga por favor. Eu vou correndo pra lá.

VELHA (*Sorrindo enigmática*) — Chama-se País do Sonho.

BOMBINHA — E onde fica?

VELHA — No coração dos homens.

BOMBINHA — Ajude-me. Eu quero deixar de ser Bomba Atômica. Não quero destruir nada. Como?

VELHA — O que quer na verdade é um sonho!

BOMBINHA — Diga o que preciso fazer!

VELHA — Ter fé. Só a fé no seu sonho pode resolver o problema. Bem, vejamos o que é que você quer ser.

BOMBINHA — Uma coisa bonita, que ninguém tenha medo e não fuja de mim.

VELHA — Um bichinho? Um homem? Um pássaro...

(*A Bombinha faz com a cabeça Não a cada coisa proposta*) Olha! Quem sabe uma flor? Você já parece uma flor...

BOMBINHA (*Rindo e batendo palmas*) — É. Era bonito. Eu quero ser flor. (*Mas desanima e triste...*) Como eu vou virar flor?

VELHA — Já disse! Com a vontade de ser alguma coisa e no seu caso — ser flor. Tenha fé e diga: Eu vou ser uma flor! Eu quero ser uma flor!

BOMBINHA — Eu... quero... ser uma flor. (*Timida*).

VELHA — Não! Com força. Confiança. Repita para você mesma. Eu quero ser uma flor. Agora, adeus! (*A Velha sai*).

A Bombinha no centro da cena repete firme, cada vez mais alto e vai levantando a cabeça e abrindo os braços:)

Eu quero ser uma flor!

Eu quero ser uma flor!

Eu quero ser uma flor!



(Sua carapaça de cogumelo se abre e se transforma completamente em flor — branca e linda dentro do deserto amarelo. No ar um coro de vozes se eleva e sobre a flor uma luz dourada desce suavemente. E ela murmura tranqüila:

Eu sou uma flor
A flor da paz.

Ergue os braços para o alto.

Cresce a música e a última visão é de serenidade.

E o pano vai fechando lentamente).

F I M



LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FINS DE CENSURA DO TEX.
TO. A SER REPRESENTAÇÕES ESTÁ.
SUJEITO À NOVA AUTORIZAÇÃO

REPRESENTANTE NO R. G. SUL

" QUE-PÊ-CO-POI-SA-PÁ "
OU
" A BOMBA ATÔMICA "

1.º ATO

Um telão de fundo com aparelhos incríveis de um laboratório atômico e seus objetos típicos. Um biombo de pano. Um banquinho. Tudo colorido e moderno.

Ao início da peça o Cientista, cantarolando e dançando em torno da Bombinha, dá os últimos retoques.

CIENTISTA — Tra-lá-lá-lá-lá. Tra-lá-lá-lá-lá-rá-lá.
Eu sou o dono do mundo! Comigo ninguém pode!
Ah! Você está pronta! Prontinha. A minha obra-prima!
Linda! Linda! Linda! De morrer. De morrer, é claro!
O país que me comprar você, pode destruir tudo.
Tudiiiiinho! Não ficará nada de pé! Mas eu quero muito dinheiro. Só vendo você por muito dinheiro.

BOMBINHA — Eu não quero ser vendida. Eu não quero ir pra país nenhum.

CIENTISTA — Tolices. Bobinha. Além do que eu preciso comprar um apartamento novo. Um fusca último tipo e ir a Paris. Estou cansado de pagar prestações da última viagem que eu fiz à Bahia. Todo mês eu tenho que ir ao banco. Imaginem um cientista como eu, sentado num banco da praia. Sem dinheiro! Que horror! (Ele é completamente destrambelhado. Toca o telefone) O telefone? Quem será? (Ele puxa um fio imaginário como se fosse um pescador puxando uma rede de peixe. O telefone é vermelho. Atendendo) Alô? Onde fala? Que absurdo! Liguei e não sabe com quem está falando? Idiota! (Corrige amável) Não é com o senhor, não! É aqui com o meu cachorro! Sai Jeca! Sai. (Fala com um cachorro inexistente) Quem fala aqui é o Dr. Roscoff — o maior inventor do século. Que é que o senhor quer? Ah! Marcar consulta? Não sou dentista.

406
C

até 19/10

(Protesta) Sou cientista! Bem, vou consultar meus alfarrábios! Boniiiiito! Al-far-rá-bios! Gostei. (Vai à mesa e folheia um livro imenso) Hoje!!! Amanhã!!! Depois!!! Qualquer dia!!! Bem! Amanhã mesmo! Às 14 horas e 30 minutos. Cinco segundos. Tá bom! (Volta ao telefone) Senhor Presidente, amanhã às 14 horas, 30 minutos. Cinco segundos. Olha! Traga o talão de cheques ou um caminhão de dinheiro. O que foi que eu disse? Nada! Nada! Tchau! (O Cientista desliga o telefone — faz um gesto — o telefone se afasta — ele é sobre rodinhas, é claro — e volta à Bombinha). Quando você explodir irá tudo pelos ares. Não sobra nada pra contar a história. E não fica com essa cara não! (A Bombinha está apavorada).

BOMBINHA — Mas eu não quero explodir, seu Cientista! (Batendo o pé) Eu não gosto. O senhor tem cada idéia maluca!

CIENTISTA — Cala boca! Aonde já se viu bomba atômica falar! E ainda por cima, não quer explodir! Esse mundo de hoje está virado. Tudo ao contrário!

BOMBINHA — Falo! Falo e falo! É um direito que eu tenho. Se eu tenho boca é pra falar! Eu não quero explodir. Nem destruir nada!

(O telefone toca de novo).

CIENTISTA — Vê filhinha! O telefone não pára. Depois que eu hotei anúncio no JB é só gente querendo comprar você. De todas as partes do mundo! (Faz o gesto de pescador e lá vem o telefone de novo — se possível agora ele é azul) Heiiiiiiiii! (Muito seestroso) Aqui fala o maior descobridor do Brasil. Não! Não é o Pedro Alvares Cabral. Seu burro! Eu sou inventor. Já estou ficando de mau humor. Ah! desculpe, Sr. Presidente. (Cheio de salamaleques) Sim, senhor Presidente. (Servil) De acordo, Sr. Presidente. (Exagerado) O Sr. manda! Que horas? Deixe ver! Vou consultar meus arquivos! (Vai ao livro — folheia) 14 horas, 30 minutos. Cinco segundos. Tá bom! (Volta ao telefone)

Helôôôô, Sua Majestade, isto é, Sr. Presidente. Amanhã às 14 horas. Trinta minutos. Cinco segundos. O que é preciso? Caneta. Pra que? Assinar cheques, oral Passe bem! *(Bate o telefone. Esfrega as mãos satisfeito)* Estou rico. Rico. Rico. Vendo essa bomba pra os dois presidentes. Assim os dois países ficarão com medo, um do outro. Por que? Porque o negócio é quem explode primeiro... Puff... *(Gesto de ir pelos ares)* Coitadinho do resto. Não sobra nada. Nadinha. Vou ficar rico com esses patetas. E agora fillinha, você vai ser empacotada, bem bonitinha e... mas silêncio. Estou falando demais! Quem sabe não existem espiões por aí?

BOMBINHA — Como eu sou infeliz. *(A Bomba está muito desanimada e chora tristemente).*

(A campainha da porta da rua toca).

CIENTISTA — Ué! Será que o presidente já chegou? Mas eu marquei amanhã! Também não tem importância. Faz de conta que hoje é amanhã. *(Pega um pano colorido e cobre a Bombinha)* Fique quieta. Nada de choros. *(E vai até a porta da rua, que não existe)* Quem é?

PRESIDENTE — Eu sou Tiosamka, presidente nomeado do país "Tudo cor de rosa"! *(Ele tem sotaque americano)* Eu quer ver bomba atômica!

CIENTISTA — Entre! *(Os dois aparecendo)* Muito bem, e quais são suas intenções? Boas?

TIOSAMKA — Good! Isto é... boas. Mas eu quer saber pra que serve bomba!

CIENTISTA — Ah! Senhor Presidente!... Como é mesmo o seu nome?

PRESIDENTE — Tiosamka.

CIENTISTA — Pois é! Tiosamka. A Bombinha tem várias utilidades. *(Contando nos dedos)* 1.º — Meter medo nos outros países trouxas.

PRESIDENTE — Good! Ótimo!

CIENTISTA — 2.º — Destruir os jardins e como consequência matar todas as formigas e flores. Mania que essa gente tem de flores!

PRESIDENTE — Mais ótimo. Nada de flores.

CIENTISTA — 3.º — Derrubar tudo quanto é casa. Pra que casa? Não é? Que morem em buracos como os ratos.

PRESIDENTE — Yes, mais ótimo ainda! *(Está no auge do entusiasmo).*

CIENTISTA — Mas vamos ao que interessa. *(Esfregando os dedos em sinal de dinheiro)* O senhor quer ou não quer comprar esse cogumelo?

PRESIDENTE — Yes. Mim trouxe cheque. *(Batendo no bolso).*

(Toque de campainha).

CIENTISTA — Quem será? Que horas são?

UMA VOZ — 14 horas. Trinta minutos. Cinco segundos. Lembra-se?

PRESIDENTE — De novo? Isso foi quando eu cheguei.

CIENTISTA *(Misterioso)* — Aqui o tempo não passa... ou melhor... passa tão rápido que é sempre a mesma hora. Com licença. *(Faz reverência grotesca)* Com licença. *(Nova reverência recuando de costas sempre e fazendo reverências e... com licença... até que*

esbarra na mésa. Cai uma porção de coisas. Ele tenta segurar. Enquanto isso o Presidente se curva autômato e mecânico, de tal modo que precisa com as mãos segurar a cabeça — fazendo-a parar. O Cientista sai finalmente. Puxa! Custou! Fora de cena) — Quem é o senhor?

Voz — Opo sepenhorpo epé mapalupucopo? (O senhor é maluco? Língua do P) Opo sepenhorpo marpacoupou hoporapa copomipigopo! (O senhor marcou hora comigo) Epeu soupou Prepesipidempentepe dopo URSSO (Eu sou Presidente do URSSO. Na verdade ele parece um urso. Barba e bigodes imensos e vermelhos. Usa gorro de pelo. Casaco peludo verde. Grande, gordo. Também é ridículo. Tem uma voz de trovão. As vezes podia falar fino, desafinado).

CIENTISTA — Chiiii! Foi, é? Que coisa. (Falso espanto) Um momento! Agüenta aí! (Volta para o laboratório).

TIOSAMKA — E agora? Ele não deve me ver! Que é que eu faz? Ouuuuu! Estou confuso! (Perde a classe britânica e procura um lugar para se esconder).

CIENTISTA (Entrando novamente) — Majestade. Ah! Prefeito! Ah! Sindico de edificio. Ah! Sei lá!

TIOSAMKA (Aflito) — Quando eu sair daqui vai mandar você para a cadeira elétrica.

CIENTISTA — Imagina!!! Que audácia! Eu virar torresmo! Bem, depois a gente discute esses detalhes. Entra aqui! (Empurra o Presidente para dentro de um biombo de cortina aberta no meio, permitindo a passagem. Leve porque ele anda de um lado pro outro, etc) Fique quieto aí. (Cientista vai correndo à porta da rua inexistente) Quinhentas mil desculpas, senhor URSSO. É que estava tudo desarrumado. Sabe. As empregadas de hoje! Estão tão difíceis. A gente não pode confiar!

(Eles entram. O Presidente, gordo, seguido do Ajudante-Tradutor e do Cientista. Os dois estão de braços dados e conversam amigavelmente. O Tradutor atrás. É extremamente antipático e bajulador).

PRES. URSSO — Pois epé. (Entra no tom doméstico) Apa mipinhapa mupullherpe espetapa sempem repeclapamanpandopo quepe apa empempregapada, lepevapa aparroz epe feipejãopão pra capasapa. Epe por issopo quepe nãopãochepegapa!

CIENTISTA — Pois é! Com essa vida cara, o dinheiro não dá pra nada. (Parecem duas donas de casa discutindo na porta das Casas da Banha).

PRES. URSSO — Senpenhorpor! Quepe conponfipianpançapa sãopão espessaspas? Epeu queperopo verpe apa hompombapa. Ompondepe espetapa apa hompambapa? (Falando grosso).

CIENTISTA — Que diabo de língua fala esse homem? Não estou entendendo bolhufas. (Volta-se autoritário) O senhor quer falar língua de gente?

AJUDANTE — Epelepe dipisse quepe nãopãp enpenpendeupeu bupullhupufaspas.

PRES. URSSO — Porpoquepe epele epé muipuitopo bupurropo.

AJUDANTE — O Presidente disse que o senhor é um gênio. O cara mais inteligente da terra. Nunca viu igual.

CIENTISTA (Cheio de si) — Que exagero! Também assim é muito. (Mudando de tom) Mas vamos ao que interessa. Quais são as intenções dele?

AJUDANTE (Para o Presidente) — Qualpal sãopão apas supuaspas impintempençõespões?

CIENTISTA — Me larga! Me larga! Senão eu grito. *(Se solta e sai pelo outro lado se arrumando)* Aqui! Aqui! Pois não! *(Reverência)*.

AJUDANTE — Meu Presidente disse que se você garante que a bomba arrasa tudo — não sobra nada-nada-nada, ele compra a bomba. Sobretudo você tem que garantir que a bomba é contra Tiosamka.

(Tiosamka reage a tudo do outro lado, chega até a andar com o biombo, o que obriga ao Cientista mil salamaleques e desconfiança dos dois).

CIENTISTA — Claaaaro! Não fica nem cheiro dele, nem do país dele. Desaparece da face da terra. Essa bomba é furiosa. Ela está louca pra explodir.

(A Bombinha escondida debaixo do pano soluça).

PRESIDENTE E AJUDANTE *(Ao mesmo tempo)* — Que choro é esse?

(Cientista começa a chorar e vai até a Bombinha e dá-lhe um beliscão).

BOMBINHA — Ai. Ai. Ai.

CIENTISTA — Ai. Ai. Ai. *(Pega no pé e finge que dói)*.

(Presidente Urso e Ajudante ficam espantados. Tiosamka mete a cara de fora. Ninguém entende nada. A Bombinha fica quieta finalmente. O Cientista também e volta para o lugar anterior. Simultaneamente o Tiosamka esconde a cabeça a fim de não ser visto).

AJUDANTE — Que barulho é esse?

CIENTISTA — Barulho? Não! Não ouvi nada não! Engano seu! Até que não há barulho. Existe aqui a lei do silêncio. *(Ele fala tudo baixinho)*.

PRES. URSSO — Bopoaspas. Prapaquepe serpevepe apa bompombapa?

AJUDANTE — Pra que serve a bomba?

CIENTISTA — Que gente mais sem imaginação! Sempre a mesma pergunta. *(Contando nos dedos, meio impaciente)* 1.º — Meter medo no Tiosamka. *(O Presidente Tiosamka mete a cara fora da cortina. Se esconde)*.

PRES. URSSO — Bompom. *(Satisfeito)*.

CIENTISTA — Destruir navios e foguetes do Tiosamka.

PRES. URSSO — Opotpimopo.

(Tiosamka movimenta o biombo para ouvir melhor e também ficar visível).

CIENTISTA — Acabar com esse negócio de lua, paly-ground pra crianças. Escolas, Futebol. Cidades, Países. Todas essas besteiras. Mas falemos de negócios. Quer ou não quer comprar a bomba?

PRES. URSSO — Boboffe! Vempem capá! *(O Presidente arrasta o Ajudante para o lado e conferenciam. Enquanto isso Presidente Tiosamka...)*.

TIOSAMKA — Psiu! Psiu! Cientista! *(O Cientista manda fazer silêncio e vai até o biombo que por sua vez também se aproximou dele. O Presidente puxa o Cientista pra dentro da cortina grotescamente)*. You! Não poder negociar com inimiga meu! Eu quer a bomba. *(Está agarrando-o pela gola, quase no ar. O Presidente Urso e o Ajudante procuram o Cientista)*.

AJUDANTE — Uai! Cadê ele? *(Procuram pelo laboratório)* Cientista! Cienpentispistapa!

última vez que esteve aqui (*Fala mais alto e intencional*) me ofereceu Cinco Billhões de dinheiro. Cinco Bilhões. (*Tiosamka arregala os olhos. Tem um "troço" atrás do biombo. O Urso pensa. E o Cientista no meio*) Quem dá mais? Quem dá mais? (*É o próprio leiloeiro*).

PRES. URSSO (*Engasgado*) — Eueu dopou dezpez bipilhompões.

AJUDANTE (*Nervoso*) — Ele dá 15 bilhões. (O Urso cai sentado com falta de ar. O Ajudante corre a socorrê-lo, abanando-o).

CIENTISTA — Quero mais! Quero mais! Quero mais! (*E dança uma dança frenética*).

TIOSAMKA — Epeu dopou... Ouuuu... (*Corrige com raiva. Sai da cortina e vai até o Cientista nervosíssimo*) Eu dá vinte bilhões de dinheiro. Cheque aqui. E tem fundos!

CIENTISTA — No duro? (*E vai ao mesmo tempo empurrando-o rapidissimamente para dentro da cortina*) Assine o cheque e passe o cobre. (*O Cientista sai e vai até o Presidente Urso*) Olha! Diz pra esse cara aí que eu quero vinte, vin-te bilhões. Nem um tostão menos. Pode ou não pode?

AJUDANTE — Epelepe querpe yinpetepe bipilhompões!

PRES. URSSO — Ôôôô. Estoupou fapalipidopo. (*Tira o talão de cheque e começa assinar. O cientista vibra. O Urso entrega o cheque. O Cientista lê e guarda-o no bolso*).

AJUDANTE — Agora, a bomba.

PRES. URSSO — Epe scupeu sepegredopo!

AJUDANTE — E seu segredo!

CIENTISTA — É mole! Um momento. (*Sai e volta trazendo uma bomba igual a que está em cena — só*

(*Presidente Urso puxa Ajudante de novo e vão pro canto e confabulam. Tiosamka se aproxima mais do Cientista que desaparece atrás da cortina*).

TIOSAMKA — Mister Cientista não pode vender bomba meu inimigo. Senhor lembrar ser país vizinho. Eu manda soldados toma conta e tira seu bomba. Só mini ter bombas.

CIENTISTA — Claro! Claro! Chega de Iero-Iero. Quanto é que o senhor paga pela bomba?

TIOSAMKA — Eu dá um milhão de dinheiro!

CIENTISTA — Só? Eu, hein! Isso a gente tira na loteria esportiva. Dá licença. (*Sai e se dirige ao Presidente Urso*) Vocês já resolveram? Quanto é que vocês dão pela bomba?

AJUDANTE — Meu Presidente anda com as finanças ruins. Sabe, as vendas caíram muito esse mês, mas em todo caso ele oferece dois milhões de dinheiro. (*Tiosamka limpa a garganta — Ajudante e Urso olham em volta. Cientista começa a tossir*). Quem está aqui? Quemem espestapá apaquipi? (*E desatam a procurar. Enquanto isso Tiosamka puxa o Cientista pelo braço e ele voa através da cortina e some do outro lado*).

BÔMBINHA — Ah! Meu Deus. Como eu sou infeliz! (*Cientista mete a cara na cortina e arremeda*) Ah! Meu Deus. Como sou infeliz! (*Presidente Urso e Ajudante se voltam. Um olha para o outro e fazem sinal que o Cientista é louco. E voltam a conferenciar. Cientista desaparece atrás da cortina*).

TIOSAMKA — Eu dá três milhões de dinheiro. (*E tira o talão de cheque e quer assinar*).

CIENTISTA — É? Um momento. Volto já. (*Sai e vai até os dois*) Olha, três milhões é pouco. O Tiosamka a

riosamente) eu tenho um segredo. Sabe o que é? Olha! Aquela bomba era falsa. De papelão. O botão não explode nada. (*Tiosamka começa a ficar alegre*) Ela é de mentirinha. Eu enganei eles. A verdadeira está lá dentro do outro laboratório, escondida pra você. Foi esse o golpe. Senão eles não iam embora. Compreendeu? Morou?

TIOSAMKA — Morrei. (*Ri feliz*).

CIENTISTA (*Suspira aliviado*) — Ainda bem. Eu vou buscar a bomba. Vai enchendo o cheque aí. (*Debaixo do pano a Bombinha treme apavorada. O Cientista volta com outra bomba igualzinha a outra. Só que de cor azul*) Olha, aqui está o botão. É só ligar na eletricidade e apertar o botão... e "puuuuum". Tudo pelos ares. Não sobra nada!

TIOSAMKA — Aqui está cheque. Banca está a seu lado. Good-bye. (*Cientista pega cheque e procura dos lados o banco que não está, é claro. Mas guarda o cheque no bolso. E começa a empurrar Tiosamka, que está feliz com a bomba, em direção à rua*).

CIENTISTA — Tchau. Tchauzinho. Boa sorte. (*Finalmente Tiosamka parte também. E o Cientista volta rindo às gargalhadas. Tira os cheques do bolso e conta*) Quarenta bilhões de dinheiro... e as bombas são de papelão. Não explodem nada, porque a verdadeira ficou aqui. (*Descobre a Bombinha horrorizada*) Ah, ah, ah! Minha querida. Imagina se eu vou vender você só por 40 bilhões de dinheiro. Você é a coisa mais forte do mundo e eu com você, sou dono dele, ouviu! Dono do mundo. (*Ele é louco realmente, embora cômico*) Ninguém pode comigo. Eu sou o dono do mundo! (*Nisso toca o telefone*) Que é isso? Será que eles já descobriram? Não dava tempo! (*Novo gesto de pescar telefone. Entra telefone. Atendendo*) Hellôôôôô! Três. Quatro. Quatro. Cinco. Cinco. Quatro. Zero. Quatro. Quatro (*Bem. Uma porção de quatro. Pausa*) O grande descobridor! Não. Não sou Cristovão Colombo. Eu não

que agora é de papelão — estão deslumbrados. Andam em volta) É só apertar o botão... e... tudo pelos ares. Não fica nada. Pode levar. É sua. Passe bem. (*Começa a empurrar o Presidente Urssso, Ajudante, que carregam a bomba. Pega um papel, assina e entrega*) Aqui está o recibo. Aqui. Certificado de garantia. Tchau! Sumam-se.

(*Tiosamka está louco de raiva. Não agüenta mais. Sai de trás da cortina. Rói as unhas. Sapateia. Chora desesperado com o fato. E vai girando o biombo para não ser visto*).

PRES. URSSO — Bompom dipiapa. (*E saem*).

(*Finalmente. Já não era sem tempo. Tiosamka sai de dentro do biombo mais violento do que a própria bomba, avança furioso para o Cientista*).

TIOSAMKA — Traidor! Patifa! Eu quebra sua cara. (*E aqui tem que haver uma "perseguiçãozinha". As crianças adoram. O bem persegue o mal. Só que nesta situação todo mundo é mau caráter. Cientista cai. Tiosamka senta em cima dele*) Eu vai esganar vocês! Você não presta. Vende bomba pra meu inimiga. Meu dinheiro melhor do que d'ele.

CIENTISTA — Calma! Calma! Dá licença. Sai. O senhor não deixa a gente falar. Que coisa! Saiaaaaa! (*Empurra Tiosamka que cai do outro lado, mas ambos se levantam*) Pois é! O senhor quase estraga tudo com sua ignorância.

TIOSAMKA — Ignorância é sua avó. Eu chega primeiro. E agora? (*Senta-se num banco e chora feito um bezerro desmamado*) Eu não tem bomba! Eu prometi ter bomba. Eu quer fazer guerra e não tem bomba. Ah! Ah! Ah! (*Chora cada vez mais e não pode ser mais ridículo*).

CIENTISTA — Deixa de besteira. O senhor não deixa eu falar. Tamanho homem chorando... Olha (*Miste-*

2.º ATO

Cenário: Uma tela onde serão projetados diversos slides necessários à ação e mais alguns elementos cênicos e ainda efeitos luminosos.

Ao abrir o pano vê-se uma grande tela onde serão projetados diversos lugares por onde passará a Bomba Atômica, complementados por efeitos cênicos e efeitos luminosos.

1.º Slide: uma cidade moderna. Um operário está trabalhando. Entra a Bomba, curiosa. Dirige-se ao Homem

BOMBINHA — Que lugar é este?

HOMEM — A cidade dos homens.

BOMBINHA — Que bonita! E aqui há paz?

HOMEM — As vezes. Quem é você (*O Homem olha desconfiado*).

BOMBINHA — Eu... eu... (*Gagueja*) Eu sou a Bomba Atômica.

HOMEM (*Horrorizado*) — Saia! Saia daqui, já! Nós temos horror a você. Você é muito perigosa. É por sua causa que aqui ninguém dorme. Ninguém sabe o que vai acontecer.

BOMBINHA — Ah! Mas eu quero ficar com vocês. Prometo que não vou explodir. Olha, eu posso fazer

descobri América nenhuma! Ahnnn! Quem? Presidente da Conchichina? O senhor quer uma consulta (*Corrige*) isto é, uma audiência? O senhor quer comprar a minha bomba? (*Ele olha para a Bombinha. Coitadinha, agora chegou a vez*) Se ela explode? Claro. Foi feita pra isso! (*A Bombinha chora e morre de medo, treme mais do que gelatina Royal em anúncio da televisão*) Preço? A última oferta que eu tive...

BOMBINHA — Que horror! Desta vez eu não escapo. Vou ser vendida. Que é que eu faço? Estou perdida. Eu não quero explodir. É horrível. Eu não quero explodir coisa nenhuma. Preciso fazer alguma coisa. (*Aflita*) Mas o que? Preciso fugir. Preciso fugir. (*Ela busca uma saída*).

CIENTISTA — Senhor Presidente Ping-Pong. Que tal quarenta bilhões de dinheiro? Olha que é um precinho camarada... A que horas? 14 horas. Trinta minutos. Cinco segundos. Estou esperando. É barato, não é? O senhor está de acordo? É sua! Pode vir buscar! (*Desliga. Manda o telefone embora. Esfrega as mãos. Feliz*). Três idiotas. Todos três terão a bomba. Mas o dinheiro e o segredo são meus! *Durante o telefonema a Bombinha pegou um papel e escreveu um bilhete, deixou no local em que ela estava e partiu. O Cientista vai até o lugar da Bombinha*) Uai! Cadê a Bombinha? Um bilhete! Deixe-me ver. Sr. Cientista: Eu não quero destruir nada. Não quero ser vendida. Eu decidi fugir. Hei de encontrar um lugar tranqüilo. É que respeitem minha vontade. Eu amo a paz. As flores. Os animalzinhos, e não vou explodir nada. Adeus! Cruzes! Que é que eu faço? Se alguém apertar o botão dela por brincadeira, o mundo vai pelos ares. Ai! Que horror! (*E cai duro*).

Black-out.

FIM DO 1.º ATO

PRES. URSSO — Quepe copoipisapa!

AJUDANTE — Não fogue não! Eu quero uma informação.

HOMEM — Eu tenho que ir embora!

AJUDANTE — O senhor viu por aí uma Bomba Atômica?

HOMEM — Por ali! Me largue. Me largue. *(O Homem levanta e foge — os dois se levantam cômicos e seguem a direção apontada. Quando o Homem vai quase saindo, entra voando o Tiosamka. Novo esbarro. Nova queda).*

TIOSAMKA — Senhorr! Senhorr é maluca! Não vê rua? *(Está segurando o Homem).*

HOMEM — Não tenho tempo para conversa fiada. Preciso fugir. Solte-me!

TIOSAMKA — Senhorr viu Bomba Atômica? Depois Cientista. Depois Urssso e depois Ajudante Boboffe.

HOMEM — Vi. Ali. Todos ali. Agora solte-me. *(O Homem se larga e foge. Tiosamka segue a direção oposta).*

(E na tela um slide de estrada bem moderna. Dessas rodovias de alta velocidade. Na beira está um boi pastando tranqüilamente. Entra o Homem correndo. O boi levanta a cabeça. Entra a Bomba Atômica. Aflita).

BOMBINHA — Onde será a floresta? Não vejo. *(Foge. Depois vem o Cientista sempre farejando feito cachorro e olhando as marcas no chão com a lupa imensa. Segue. O Boi fica mais espantado. Depois vem Tiosamka. O Boi de novo. Depois vem o Presidente Urssso seguido do Ajudante — param. Olham. Só o Boi acompanhou a transa — espantadissimo).*

AJUDANTE — Ninguém. Só esse boi. Et. não sei língua de boi, não adianta perguntar. Onde terá ido essa Bomba Atômica? Vamos por ali. *(Segue).*

muita coisa. O Cientista que me inventou disse que graças a mim, ele descobriu uma porção de outras coisas. Eu conheço essas coisas! Eu posso ensiná-las...

HOMEM — Não interessa. Saia! Senão eu chamo a polícia.

BOMBINHA *(Quase chorando)* — E pra onde é que eu vou?

HOMEM *(Se afastando)* — Não sei. Um lugar bem longe. Lá na floresta. Numa ilha. Mas saia. *(Ele foge).*

BOMBINHA *(Triste, pega a trouxinha e vai sair. Para, olhando a cidade)* — Puxa! Que bonito. Nem me deixaram conhecer a cidade. Que pena!... *(Ouve-se a voz do Cientista ao longe).*

CIENTISTA — Por aqui! Acho que ela veio por aqui!

BOMBINHA *(Aflita)* — É ele! Tenho que fugir! *(Sai).*

CIENTISTA *(Entrando com uma lente imensa, fazendo investigações e fareja feito cachorro caçador)* — Ela veio por aqui. Ah! Se eu pego essa cretina! Nem sei o que faço. Aqui! Olha as marcas. *(Entra o Homem correndo de onde foi a bomba. Ouve-se vozes: Foge! Foge! Vai explodir a bomba! Perigo!)*

HOMEM — Foge velhote! A Bomba Atômica anda solta por aí. É o fim do mundo.

CIENTISTA — É? Aonde? Eu vou lá! *(Vai na direção apontada pelo Homem).*

(Nesse instante entra o Pres. Urssso e o Ajudante Boboffe e esbarram com o Homem, caem os três no chão, sentados. Um para cada lado).

AJUDANTE — Seu estúpido. Não enxerga? *(O Homem querendo fugir e os dois segurando-o pela perna).*

HOMEM PRETO — Chega. Você vai ou não vai?

BOMBINHA — Não. Não e não. Que raiva! (Se senta no chão e chora copiosamente. O Homem Preto larga a enxada e foge. Voz do Cientista:)

CIENTISTA — Hei de achá-la!

(Vozes dos demais perseguidores. Tudo rápido. A Bombinha se levanta e foge. Entra Cientista. Segue Tiosamka, Pres. Urso, Ajudante, o Boi. E desaparecem. Surge novo slide. Agora paisagem de neve. Tudo branco. Cai neve. Uma camponesa russa está apanhando lenha. Entra Homem correndo. Passa Bombinha. Passa Cientista. Passa Tiosamka. Passa Pres. Urso e Ajudante. Passa o Boi. Passa o Homem Preto. A Camponesa não agüenta mais de espanto).

CAMPONESA — Hei! Moço, por que tanta correria?

HOMEM PRETO — Olha. Fuja. É a Bomba Atômica! Imensa! Enorme! Grande! Vem aí! Furiosa. Só quer explodir de qualquer jeito.

CAMPONESA — É o que é que acontece?

HOMEM PRETO — No mínimo derrete foda a neve... Fuja, se você tem amor à pele! (A Camponesa joga a lenha fora e sai correndo atrás. Some o slide. Novo slide de mapa. Agora a Ásia. E aquele desfile acrecido agora da Camponesa. Some tudo. Novo slide. Uma plantação de arroz na China. Música chinesa. Um chinês trabalhando. Entra o Homem, sempre fugindo. Vem a Bombinha. Vem o Cientista. Vem Tiosamka. Vem Pres. Urso e o Ajudante. Vem o Boi. Vem o Homem Preto. Vem a Camponesa).

CHINÊS — Hei! O que houve? Festa no palácio do Dragão Celeste?

Boi — Muuuuuuuuu!!! Bomba Atômica? (Sai correndo atrás do grupo).

(É quando surge um slide de mapa de um país e na frente desfila naquela corrida... O Homem, a Bomba Atômica, o Cientista, o Pres. Tiosamka, o Pres. Urso e seu Ajudante e o Boi. Depois novo slide. Agora um navio moderno singrando um mar azul. Outro mapa. A América do Norte. Outro slide. Uma plantação bonita de algodão no Mississipi. Música de banjo. Um homem preto está trabalhando na lavoura e cantando Old Man River. Entra a Bombinha).

BOMBINHA — Moço, que lugar é esse?

HOMEM PRETO — Uma plantação de algodão no país. Tudo cor de rosa.

BOMBINHA — Cujo Presidente é o Tiosamka?

HOMEM PRETO — É! Como é que você sabe?

BOMBINHA — Ele queria me comprar do Cientista maluco. Aliás, sabe? Ele roubou o meu segredo de um outro cientista bacana. Um homem muito sério e inteligente.

HOMEM PRETO — E quem é você? Acho que já vi seu retrato.

BOMBINHA — É possível. Os jornais todos publicam meu retrato. Eu sou a Bomba Atômica.

HOMEM PRETO — Não!!! Chega de conversa. Saia! Saia já daqui. Eu tenho horror a você! (A Bombinha começa a chorar).

BOMBINHA — Deixa eu ficar aqui. Eu ajudo você a trabalhar. Ensino uma porção de segredos das novas plantações.

seu problema. A ambição e o medo. Música cômica. Nova fuga. E agora acrescenta-se o Chinês. Um lindo e moderno avião, num céu azul. Nova correria naquela seqüência. Cada vez maior e mais rápida e grotesca. Novo slide. Agora mapa da América do Sul. O grupo passa cansado — em câmara lenta, nessa peregrinação pelo mundo. Novo slide. Uma floresta verde e imensa. Tudo quieto. Descem do teto ramadas de cipó. Ouve-se o canto dos pássaros. Às vezes, mesmo o silêncio. Surge um índio, com seu cocar de penas, seu arco e sua flecha. Está caçando. E nisso entra a Bombinha cansada, mas admirada com tanta paz).

BOMBINHA — Moço! Que lugar é esse?

ÍNDIO — Aqui? A floresta do grande Rio.

BOMBINHA — Posso ficar aqui?

ÍNDIO — Pode, desde que você não faça barulho! Eu estou caçando. Preciso silêncio.

BOMBINHA — Puxa! Até que enfim! Aqui é calmo! Tão bom! Você não tem medo de mim?

ÍNDIO — Medo? O que é isso?

BOMBINHA — Você não sabe o que é medo?

ÍNDIO — Não! O que é?

BOMBINHA — Você não sabe quem eu sou?

ÍNDIO — Não! Não sei.

BOMBINHA — Você nunca viu meu retrato no jornal?

ÍNDIO — Retrato? Jornal? Que é isso? É coisa de comer?

CAMPONESA — Não! É a Bomba Atômica que está solta. Já explodiu por aí. Quer explodir de novo. Fuja. *(Ela segue o caminho. Volta a Bombinha aflita).*

BOMBINHA — Moço! Moço! Me esconda por favor. Eu estou exausta! *(Desconfio que os aiores também — mas carcos do ofício — eles ainda têm que correr muito)* Eles querem me vender, isto é, eles querem me comprar. Cada um quer ser mais forte que o outro.

CHINÊS — De longe, menina! Você já fez um mal.

BOMBINHA — Não fui eu. Foi minha tataravó!... Eu sou novinha em folha.

CHINÊS — Não interessa. Nós não queremos você aqui.

BOMBINHA — Mas eu não vou fazer mal a ninguém. É contra os meus sentimentos. Na verdade para me descobrirem, descobriram muitas coisas boas. Olha, por exemplo: satélite. Eu também faço parte do progresso.

CHINÊS — Isso não justifica seu perigo. Eu ouvi contar a história de uma cidade que você destruiu.

BOMBINHA — Já disse que não fui eu. Foi minha tataravó!

CHINÊS — Lá vem você com sua família! Isso já era. Vá embora.

BOMBINHA — Mas eu juro que não quero destruir nada! Eu quero paz. Eu posso trabalhar. Ajudar. Deixa?

CHINÊS — Não e não. Se você não for embora eu chamo os soldados.

(Nisso as vozes. O Homem. O Cientista. O Boi. O Tiosamka. O Pres. Urso e o Ajudante. O Homem Preto. A Camponesa. Entram correndo e cada um dentro do

Tiosamka. Do outro lado, Pres. Urso e o seu Ajudante. Todos se espreitam... enquanto que o Homem Branco e o Boi, o Homem Preto, a Camponesa e o Chinês, entram exaustos, sempre fugindo. Só que agora cada vez mais lentos. Mais cansados. Cada um vem de um sítio e se esbarram no centro. Seria quase um balé em câmara lenta. Quase flutuando. Caem e então estão de frente à Bomba Atômica. E aí é o pânico. E cada um foge pra um lado. A Bombinha se abraça com o Índio que a protege).

CIENTISTA — Agora você não foge!

PRES. URSSO — Pepegapa apa Bomponbapa!

AJUDANTE — Segura ela.

TIOSAMKA — Ela ser minha!

(Caça daqui. Caça dali. Corre-corre. Pega. Foge. É uma aflição).

BOMBINHA — Não! Me soltem. Eu não quero ser bomba.

CIENTISTA — Você não tem querer. *(Segura-a por um braço. Tiosamka por outro).*

TIOSAMKA — Ela ser minha! Solta!

CIENTISTA — Ela é minha. Solta você.

(E puxa pra cá. E puxa pra lá. Estão quase arrancando os pedaços da Bombinha. O Pres. Urso e o Ajudante entram no jogo. Os outros aparecem nos seus lugares e assistem friamente àquela estranha luta. A Bombinha gira feito roda maluca. O Cientista está no auge. Tiosamka furioso, larga a Bombinha e avança feito boxeur para o Cientista. E a caçada virou briga entre os quatro. Eles se engalfinham. Lutam até a destruição mútua. O Ajudante Boboffe, com um porrete,

BOMBINHA — Não! Eu sou a Bomba Atômica!

ÍNDIO — E daí? Eu sou Uirapuru.

BOMBINHA — Muito prazer. *(Estende a mão. O Índio olha a mão dela e depois estende a sua. Eles se cumprimentam. A ignorância do perigo dá segurança do Índio).* Pois é! Imagine você que eles querem me vender para os países...

ÍNDIO — O que é país?

BOMBINHA — País? É uma terra que junta homens da mesma raça. Às vezes tem de outras raças. Tem um que é o chefe. Às vezes ele se chama Rei. Outras vezes Presidente. Tem cidades. Às vezes eles são independentes. Às vezes, não.

ÍNDIO — E é longe daqui?

BOMBINHA — Aqui, por exemplo, é um. Existem muitos. Além dos Oceanos.

ÍNDIO — Oceanos? O que é isso?

BOMBINHA — Uma porção de água azul. Às vezes, verdes. Quando vai chover fica cinzento e de noite, escuro...

ÍNDIO — Você quer dizer a água grande? O nosso pajé que é muito velho e andou por outras terras, me contou sobre a água grande.

(Mas não há bem que sempre dure e como não há mal que não se acabe — surge sorratamente o Cientista, de algum lugar e vê a Bombinha conversando com o Índio e decide apanhá-la. Tira de dentro de uma sacola, uma rede de pescador. Nisso do outro lado surge

BOMBINHA — Ajude-me. Eu quero deixar de ser Bomba Atômica. Não quero destruir nada. Como?

VELHA — O que quer na verdade é um sonho!

BOMBINHA — Diga o que preciso fazer!

VELHA — Ter fé. Só a fé no seu sonho pode resolver o problema. Bem, vejamos o que é que você quer ser.

BOMBINHA — Uma coisa bonita, que ninguém tenha medo e não fuja de mim.

VELHA — Um bichinho? Um homem? Um pássaro...

(A Bombinha faz com a cabeça Não a cada coisa proposta) Olha! Quem sabe uma flor? Você já parece uma flor...

BOMBINHA (Rindo e batendo palmas) — É. Era bonito. Eu quero ser flor. (Mas desanima e triste...) Como eu vou virar flor?

VELHA — Já disse! Com a vontade de ser alguma coisa e no seu caso — ser flor. Tenha fé e diga: Eu vou ser uma flor! Eu quero ser uma flor!

BOMBINHA — Eu... quero... ser uma flor. (Timida).

VELHA — Não! Com força. Confiança. Repita para você mesma. Eu quero ser uma flor. Agora, adeus! (A Velha sai).

A Bombinha no centro da cena repete firme, cada vez mais alto e vai levantando a cabeça e abrindo os braços:)

Eu quero ser uma flor!

Eu quero ser uma flor!

Eu quero ser uma flor!

se encarrega na sua fúria destruidora e ódio ao Cientista de ir liquidando-os. Por fim, exausto, ele cai morto. O Homem Branco e o Homem Preto, a Camponesa e o Chinês, vão a cada um deles, pega um braço e larga, pega uma perna e larga, etc. e verificam que estão mortos. Dão de ombro. E partem seguidos do Boi. Black-out. Novo slide. Uma abstração que lembra um deserto. Tudo amarelo. Árido. Pedregoso. Tons queimados. Entra a Bombinha, exausta. Senta-se numa pedra e solta. Entra uma Velha. Quem sabe a morte? Quem sabe a própria vida? É preciso pensar. A Velha se aproxima da Bombinha).

VELHA — Por que você está chorando?

BOMBINHA — Eu sou muito infeliz. Não sei o que foi que eu fiz. Ninguém me quer. Você sabe quem eu sou?

VELHA — Sei! A Bomba Atômica.

BOMBINHA — Você não tem medo de mim?

VELHA — Olha. Estou muito velha para ter medo. Nada me impressiona.

BOMBINHA — Pode crer que estou sofrendo muito! Eu só quero um lugar pra ter paz! Mas não encontro. Andei pelo mundo inteiro. Todos tem horror a mim.

VELHA — Só há um lugar.

BOMBINHA — Qual? Me diga por favor. Eu vou correndo pra lá.

VELHA (Sorrindo enigmática) — Chama-se País do Sonho.

BOMBINHA — E onde fica?

VELHA — No coração dos homens.

QUE-PÊ-CO-POI-SA-PÁ!

(A BOMBA ATÔMICA)

GRUPO TEATRAL

ÁGUA DA SANGA

(Sua carapaça de cogumelo se abre e se transforma completamente em flor — branca e linda dentro do deserto amarelo. No ar um coro de vozes se eleva e sobre a flor uma luz dourada desce suavemente. E ela murmura tranqüila:

Eu sou uma flor

A flor da paz.

Ergue os braços para o alto.

Cresce a música e a última visão é de serenidade.

E o pano vai fechando lentamente).

F I M

Entrada sob nº 5196
Data 04-04-79



PERSONAGENS

CIENTISTA
A BOMBA ATÔMICA
PRESIDENTE TIOSAMKA
PRESIDENTE URSSO
AJUDANTE BOBOFFE
O HOMEM BRANCO
O HOMEM PRETO
O BOI
A CAMPONESA RUSSA
O AGRICULTOR CHINÊS
O ÍNDIO
A VELHA SABEDORIA